

COELHO NETTO

VESPERAL

Editora—a Livraria Leite Ribeiro
Ruas-Béthencourt da Silva, 15-17-19
e Treze de Maio, 74-76
— RIO DE JANEIRO —
1922

VESPERAL

COELHO NETTO

Vesperal



Grande

Livraria Editora LEITE RIBEIRO
Ruas—Bifhencourt da Silva, 13, 17 e 19
e 13 de Maio, 74 e 76
Rio de Janeiro
1922

A LUIZ DE REZENDE

Meu amigo,

*não submetta esta collectanea miuda á lente
com que examina gemas, nem ao mordente
com que ,na coticula, aauilata o ouro: aceite-
a como lembrança de amizade, pequena, mas
toda do coração do seu*

Coelho Neto

Rio

Natal de 1921



Entre o dia e a noite ha um êxtase. O sol detem-se um instante no limiar do occaso para olhar o mundo pela derradeira vez. Contempla-o e some-se. Acompanham-no, em cortejo melancólico, as mesmas nuvens que, alegremente, o precedem ao romper d'alva. De manhan sahem contentes como ovelhas que se precipitam á lacres mal o pastor abre o redil; á tarde recolhem-se saudosas, cem pena de deixar o ceu.

O'dia apaga-se. E uma pagina que se volta para todo o sempre no livro que se não relê.

O que nos fica. de cór é a lembrança, fixada na saudade.

O sol faz o seu giro e reaparece na manhan seguinte com o mesmo calor e o mesmo brilho ; nós acordamos diminuídos, porque, deixamos na vespera alguma coisa que nunca mais encontraremos.

Recordar é viver de esmolas, apanhando restos aqui, ali. E' o que fazemos, pobres de nós! batendo humildemente á porta da casa da Memória, que é a guardadora das ceifas.

*Este livro é feito com apanhaduras respigadas d
pressa aos últimos raios do sol da mocidade.*

*Começa a escurecer. D'ora avante, sem sol,
trabalharei á luz da lâmpada.*

Vesperal, livro crepuscular, ultimas fantasias...

Que saudade da luz e das minhas illusões !

*O sol lá anda pelos antipodas, sinto-lhe ainda o
calor, mas a sua claridade... essa não a verei mais, nunca
mais !*

Julho, 1922.



O Riso e a Lagrima

— Eu sou a Lagrima.

— Que fazes ?

— Carrêo as maguas do coração para o abysmo do esquecimento. Sou como um rio a correr para o mar levando folhas mortas. E tu?

— Eu sou o Riso.

— Que fazes ?

— Illumino a Vida.

— E's a Morte. A tua lâmpada é a caveira onde ficas perenne. Eu sou a Vida.

— Porque ?

— Porque, sendo ephemera, brilho e passo. A caveira não chora porque não ha dor na Morte.

COELHO NETTO

— Sendo assim o Riso é eterno porque se conserva desabrochado dentro mesmo do túmulo.

— Eterno como a illusão, jardim que não existe, onde, entretanto, todos vão colher a Esperança.





A filha da Verdade

Com as azas do pétaso e as do calcaneo ainda fremindo Hermes entrou no Zodíaco, adiantando-se, de rompante, até a presença de Zeus. O seu corpo, airoso e ágil, exhalava um aroma agreste de silvedos que despertou nos deuses saudades da terra.

Graves notícias devia levar o alado mensageiro para que tão desabridamente irrompesse na divina assembléia, alvoroçando as pombas meigas de Aphrodite e fazendo esvoaçar aos gritos, espavorido, o pavão de Hera veneravel.

Ao ve-lo em tamanha arrancada, com a physionomia descomposta e arquejando, Zeus, sempre sereno e magnífico, contendo a aguia, que se arrufára, estalando o bico e batendo

COELHO NETTO

as azas em menção hostil, interrogou-o com palavras harmoniosas :

—Porque vens tão d'impeto que nem sacudiste a poeira das abarcas ? Terão, por acaso, os gigantes tentado de novo a escalada do Olympo? Terá Poseidon, sublevador das vagas, perdido o domínio dos mares ou os fogos de Hephaistos romperam das profundezas queimando as searas e as vinhas, que são a alegria e a fortuna dos homens?

—A tua ironia sorri na sublimidade da tua força, ó Zeus! Nada do que dizes poderia dar-se sem tua sciencia, porque tu és a Ordem e governas serena e inexoravelmente os deuses e os homens. O que aqui me traz, magnânimo, e com urgência que não consente demora, é o perigo em que se acha uma das tuas filhas e das mais amadas de ti.

—E qual é ella? Seu nome?

—A Verdade.

—Uma das mais amadas do meu coração, dizes bem, e a preferida do meu espirito. E que perigo a ameaça?

—Fui encontr-la chorando, á borda de uma cisterna, fugida dos homens, que a apedrejam, ameaçada pelos que freqüentam os

VESPERAL

paços; pelos que vendem nos mercados; pelos amphictyões que legislam; pelos que oram, na ágora; pelos sacerdotes que officiam nos templos; pelos hierodulos que rondam os oráculos; pelos que exercem as artes; pelos que cultivam as sciencias; pelas matronas que vivem nos gyneceus e pelas mulheres que, á noite, coroadas de rosas, sobem, em bandos, desde o Pireu até o Ceramico, pela estrada ruidosa de Phalero; pelos amorosos, fáceis em juramentos e até pelas crianças. Tanto tem ella soffrido dos que a detestam, que está á morte e, se lhe não mandares soccorro immediato, talvez não veja florir a próxima primavera,

—Mas A Verdade é immortal, diss Zeus.

—Só Chronos é immutavel e eterno, Padre. Tu mesmo só viverás no tempo atravez dos teus filhos, que serão outros deuzes, dominando em outras religiões. A Verdade, porém, desaparecerá sem prole e os homens ficarão privados do esplendor dos seus olhos puros. Só ha um meio de conservar a belleza que fenece: é casa-la desde já para que transmita a um filho o que a faz admirável e amada dos deuzes.

COELHO NETTO

— E não haverá entre os deuses um que a queira por esposa ?

— Os deuses preferem a Illusão. A' beira do Estygio moroso existe um ser que se prestará a desposa-la. Esse, porém, não o fará pela belleza do rosto, nem pela graça do corpo, nem pelo esplendor dos olhos, nem pela suavidade da voz da tua filha, mas pelos cabedaes que lhe déres, se forem em ouro bom, em pedras de valor, em purpuras retintas e em glorias bem apregoadas.

— E esse quem é ?

— O Interesse.

— Pois vai e offerece-lhe o dote que te parecer e que se celebre o casamento antes que desabrochem as flores já abotoadas nas arvores.

Lésto, batendo ligeiramente as azas, baixou do Olympo o divino correio indo logo á Verdade. Tomou-a comsigo e desceu á lugubre estância.

Apezar de combalida, quando a noiva cruzou a portada do inferno, um clarão illuminou-o e os lemures taciturnos, que erravam á beira da lagoa tristonha, rejubilaram com a sua presença. E celebraram-se as bodas.

VESPERAL

Não teve o Interesse olhos para a belleza da noiva suave, porque os não tirava, e accesos em cubiça, dos riquíssimos presentes que, por ella, recebera — sopesando os vasos de ouro, examinando, á luz, as gemmas lapidadas e desdobrando as purpuras attalicas.

E a mísera, abandonada, ficou-se encolhida a um canto e ali jazeu, definhando, só e triste.

Por ella passavam, envesgando olhares de desprezo, a Inveja e todas as damas da corte da Mentira: a Intriga, a Maledicencia, a Calumnia.

Um dia sentiu-se mal a desventurada e entrou a gemer, a chorar, retorcendo-se de dores. Acudiu a inveja aos seus gemidos, não por pena, mas pelo gozo de a ver, de perto, desfigurada pelo sofrimento.

A coitada expirou sem soccorro sahindo-lhe da morte uma vida, que foi a filha, infanta de alvura de neve e formosura rara.

Foi necessário dar-lhe ama e como as offertas fossem generosas apresentou-se a Ambição inculcando-se para cria-la no seu:

COELHO NETTO

regaço, educa-la nos seus princípios e instrui-la com os conselhos da sua longa experiencia. E a menina cresceu, desenvolveu-se em belleza e em graça, aperfeiçoando-se nas lições que recebera da ama.

O coração, sem ternura, encheu-se-lhe de desejos e nelle entrou a Vaidade com o seu engenho astucioso, inspirando-lhe fingimentos, que eram como mascaras para o rosto e embustes em que envolvia as palavras.

Chegando á idade em que os olhos ardem e o collo anseia em desejos quiz sahir para o mundo. Hermes, que a vira nascer e a estimava, ainda que lhe conhecesse o fundo do coração, levou-a á presença de Zeus.

Pasmou o olympico deslumbrado com a belleza da donzella e disse, ameigando-a no rosto :

—E' linda! E lembra, nas feições do rosto e no donaire, a mísera que deu a vida por ella. Que nome tem?

—Ainda nenhum, disse Hermes. Lembra a mãe nas feições do rosto e no donaire, a alma, porém é do pai e ainda aperfeiçoada pela da que lhe deu o leite da vida. O que

VESPERAL

ha nella da Verdade é somente a apparencia.

— E que nome propões, tu que a conheces?

— Eu lembraria o que, a meu ver, mais lhe convem — Hypocrisia.

— Pois seja, concordou Zeus, e que viva!

— Ha de viver e será eterna, affirmou Hermes.

E foi com tal nome que appareceu e triumphou na vida a filha da Verdade.





Palavras

Entrara um philosopho no Areópago e, ouvindo dizer que occupava a tribuna um dos mais eloqüentes oradores, perguntou:

— Desde quando ?

— Ha duas horas que fala e, pelas notas que tem diante de si, creio que ainda falará outras tantas.

— Sendo assim deixo-me ficar onde estou, porque, sempre que posso, evito a podridão.

Como o outro não comprehendesse a replica o philosopho explicou :

— Discursos políticos são sempre terra : ou de vida ou de morte — vão á semente ou correm á carniça.

COELHO NETTO

Com um punhado de terra faz o lavrador um leito de fecundidade para o que planta, mas para esconder uma putrilagem, de modo que não tresande, são necessárias carradas e ainda cal mordente e uma pedra em cima.

Se ha vida no que se pleitêa poucas palavras bastam para impor a razão. Discursos de horas com allegados e textos, exemplos, similes e comparações, muito acarreto e tropos são demais para sementes vivas.

Se vires um homem aforçurando-se em cobrir com muita terra e pedras alguma coisa, evita-o com desconfiança, porque se não for criminoso será louco, salvo se for coveiro de officio, porque então estará a fazer o que deve





A arvore dos pobres

Quando a mulher voltou a si, entre os pescadores que a retiraram do lago, um d'elles, justamente o que a agarrara pelos, cabellos e a içara ao barco, disse reconhecendo-a :

— E' a mendiga de Gerasa. Com esta é a segunda vez que se deita a afogar.

Como a infeliz estava quasi nua via-se-lhe no peito, tanado e ossudo, uma larga e funda ferida que, em fúria de morte, ella abrira e esborcinara.

Jesus, que se achava entre os discípulos, chegou-se á misera, compoz-lhe a nudez macilenta e, sentando-se na mesma pedra em que a haviam encostado, tomou-lhe a mão

COELHO NETTO

gélida e engelhada e, docemente, interrogou-a:

—Por que buscas a morte? Retrahiu-se a coitada e, commovida com o som daquella voz, que lhe chegava ao coração, respondeu humildemente, do fundo do seu vexame:

—E de que me serve a mim a vida? A morte é somno e é bom dormir. O sol abre-me a chaga da angustia. Ai! de mim... As aves e os bichos molles, que rastream visco, fartam-se nas vinhas e nas searas maduras; só eu não acho migalha e, se entro em campo restolhado, sahem-me em cima os donos e açulam cães contra mim. De que me serve a vida? A minha casa é um sepulcro e a terra, em volta, é tão secca que nella nem o cardo vinga: lisa, reluz ao sol e, as chuvas escorrem por ella como as torrentes nas pedras. De que me serve a vida? Deixai-me acabar que não faço falta a ninguém. Será uma sombra de menos na terra.

Então Jesus, que a ouvira compadecido, falou misericordioso:

—Se não trouxesses os olhos sempre de rastros, como aves feridas, verias o que ha no céu. O olhar que se eleva contempla; o

VÉSPERAL

olhar que se abaixa não vê mais que túmulos. Se levantasses a vista andarias na vida como o que corre os mares guiando-se pelas estrellas. O olhar é um vôo. O infinito tem horizontes: a noite é um, a morte é outro. O alem da noite, é o dia; o alem da morte, é a vida. Só a eternidade é ampla. O que não busca na vida o allivio do sonho definha e succumbe envenenado pela melancolia. Leva esta semente, planta-a e verás nascer uma arvore de consolação.

Disse e despediu a mulher, que o ouvira extasiada.

Foi-se a infeliz por veredas escabrosas deixando nos caminhos áridos um rastro de humidade e, chegando á terra do seu assento, que era como um lageado ao sol, fez uma cova e plantou a semente.

Entre pedras eriçadas d'urze uma cigarra abriu o canto e na terra abrolhou a semente, estirou haste, desenrolou foliolos, cresceu aos ímpetos, desenvolvendo o tronco, lançando ramos e, quando a cigarra cessou de chiar, arvore frondosa alargava a copa viride alegrando o ermo funerário.

A gerasena exultou e sorria andando em

COELHO NETTO

volta da arvore, mirando-a, apalpando-a, sentindo-íhe o cheiro seivoso e, como o calor estuava, acolheu-se á ramagem, mas o sol passava por ella como atravez de um crivo. Tanta, porém, era a ventura da mulher que não sentia o calor, ainda que intenso como de um fogo.

A' tarde juntaram-se cigarras nos ramos e, toda a noite, entre as folhas, cantou um rouxinol.

Nublou-se o outono e começaram a amarellecer e a cahir as folhas, menos as da arvore de consolação, que reverdeciam ainda mais. E a gerasena exultava:

« No inverno terei lenha que farte !...

E veiu o inverno geoso... E a arvore sempre verde.

A mulher reuniu um feixe de ramos, chegou-lhes lume, Debalde! As accendalhas rechinavam retorcendo-se, silvando, amojadas de seiva; e não houve inflamma-las. A gerasena tintava e sorria contemplando a arvore sempre viçosa, á neve.

« E' pena que não dê flores. E' pena que não dê frutos. E' pena que não dê sombra. E' pena que não dê lume. Tão verde! Tão

VESPERAL

linda! Talvez por ser nova é que assim seja; envelhecendo será como as outras. » E, fiada na arvore, não descorçoava.

Madrugava nas granjas: sorria se lhe davam esmola e não desesperava quando a repelliam. E nunca mais pensou na morte.

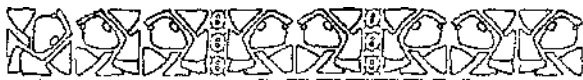
Viveu assim longos annos até que, um dia, velhinha, sentindo grande fraqueza e frio, arrastou-se do sepulcro para junto da arvore, ao sol. A morte esperava-a e assaltou-a.

Na agonia ainda tentou abraçar-se com o tronco, mas cruzando os braços, sentiu apenas o peito. E a arvore era como um raio de luz, que se vê, mas que se não prende.

E a velhinha morreu com saudade da vida.

E a arvore lá ficou criando sementes, que o vento espalha. E não ha quintalejo de pobre onde não medre, como medrou na terra da gerasena, formosa, promettedora, mas sempre estéril: sem dar flor, sem dar fruto, sombra ou lume.

Essa é a Esperança, arvore de illusões, que é a única alegria na terra triste do pobre.



A Sombra

Quando o homem sahiu a jornadaear na vida appareceu-lhe em caminho uma companheira mysteriosa que, de manhan, o precedia, como a guia-lo e, á tarde, talvez por fatigada, deixava-se ficar atraz, sem, todavia, abandonarlo, nunca ! Não fora tão solícita em vigia-lo sua própria mãe que, muita vez, o deixara adormecido no berço, afastando-se de manso, para colher o fruto, mungir a ovelha ou encher a bilha no manancial.

No começo a estrada era macia alfombra por entre arvores floridas, soando gorgeios de passarinhos. O sol, que a alumiava, era brando e, por milagre, assim que apertava a fome ao caminheiro, logo lhe appareciam alimentos; se sentia sede, fontes denunciavam-se na espessura com o fresco murmúrio d'agua; se

COELHO NETTO

esfriava, mantos envolviam-no; se aquecia, fechavam-se sobre elle sombras de verdes ramos e uma voz meiga seguia-o cantando, e era a voz de sua mãe.

Caminhando, e com elle a Sombra, chegou ao primeiro diversorio, onde o esperavam as Illusões.

Lindas e alegres moças ! E como o acolheram festivamente! Falaram-lhe da vida, qual com mais enthusiasmo, descrevendo-lhe os caminhos faceis, todos em rumo á ventura—
Lindas e acolhedoras moças !

Quando as deixou sentiu-se o caminheiro roubado no melhor dos seus sonhos. Ladras !

Poz-se a caminho e, com o sol a pino, achando-se num campo arido, onde havia dunas, descobriu uma arvore viçosa carregada de frutos.

Correu para a sua sombra e achou-a mais cálida do que a luz do sol. Tomou-lhe um dos frutos, levou-o á boca e, trincando-o com avidez, nada sentiu : nem polpa, nem sumo, nem sabor. Examinando-o, então, viu que era um floco de espuma, que se dissolvia. E soube que a arvore chamava-se : Esperança.

Continuou na jornada e a Sombra sempre com elle.

VESPERAL

Chegou a um castello e, vendo á janella gothica um rosto de belleza estranha, que lhe sorria, parou extasiado. E a Sombra parou com elle. E, tanto lhe foram os olhos para a ogiva que, pelo raio do seu olhar desceu rendido, o coração da castellan.

Que alegria ! Tomou-o e, abrindo o peito, guardou-o junto ao seu. E, contente de tal fortuna, poz-se a cantar, feliz :

« Tenho dois corações commigo; o meu e o da minha amada.»

Ao cahir da noite sentiu doer-lhe o peito e, apalmando-o, achou tão combalido o coração que, para o alliviar, teve de fundir em lagrimas uma parte delle. E fôra o coração perjuro da castellan que o maltratara, desprezando-o, depois, com uma ferida aberta e sem cura.

E o caminheiro proseguíu, seguido da Sombra e, andando, avistou, reluzindo ao sol, uma arvore de folhagem de ouro, que era a Gloria. Quem lhe arrancasse um galho e com elle entretcesse uma corôa seria o maior entre os homens.

Encaminhou-se para a arvore, a dois passos, com a mão estendida para os galhos de

COELHO NETTO

ouro. E veio a tarde, e elle caminhando. Poz-se a correr, e a arvore no mesmo sitio. E veio a noite e a arvore resplandeceu, esplendida. E elle corria.

Cantaram as aves da madrugada, surgiu o sol, empallideceu de novo, e elle a correr e a arvore sempre perto, a ponto de elle pisar-lhe a sombra sem que, entretanto, conseguisse chegar-lhe com as mãos aos ramos.

Desesperado de alcançar o que ali tinha tanto a si e tão difficil de attingir, como as estrellas do ceu, proseguiu e, com elle, a Sombra.

Caminhando de olhos baixos viu reluzir na arêa uma moeda de ouro. Era a Fortuna. Apanhou-a.

Tinha fome e pediu pão. Não havia trigo. Tinha sede e pediu água. Não havia fonte. Tinha frio e pediu fogo. Não havia lume. Então revoltou-se. De que lhe servia o ouro ? O ouro só compra o que existe, e é por isto que não realisa a felicidade. Lançou fóra a moeda inutil e foi-se.

Por fim, já velhinho, com a Sombra a segui-lo, lenta e curvada, chegou ao sopé de um

VESPERAL

monte e, levantando o olhar, avistou no cimo escaldado uma capellinha branca. "Ali está Deus!" suspirou. E poz-se a subir.

Quando chegou cançadamente ao alto, foi direito á capella.

A porta estava aberta. Entrou.

Um vulto de monge jazia no meio da nave ajoelhado, a orar. O caminheiro ajoelhou-se-lhe ao lado e, com elle, a Sombra inseparavel.

Vendo que o monge não se movia tocoulhe, de leve, no braço e o vulto aluiu na lágea e da poeira em que se lhe desfez o burel rolaram osadas. Era quanto restava do que fôra um santo.

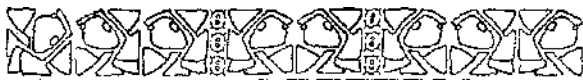
Sentindo-se só o caminheiro olhou em volta, espavorido, e, para fugir áquella desolação e ultimo desengano, sahiu para o adro e, ao sol da tarde, deu pela Sombra, que o não deixava, e exclamou:

— Todos abandonaram-me, só tu me acompanhas fiel, sem trahir-me. Quem és ?

E a Sombra adiantou-se, como attrahida por elle, e penetrou-o. E elle sentiu-a no sangue, sentiu-a no cérebro, sentiu-a nos olhos, sentiu-a no coração e ouviu-a falar:

—Eu sou a Morte, que te acompanhei na vida.

E taes foram as ultimas palavras que ouviu o caminheiro, as ultimas e as únicas verdadeiras.



O meu cofre

Oh! se me lembro! Era um lindo cofre de crystal com fecho de ouro, cheio de esperanças. O meu prazer era expô-lo ao sol para o ver brilhar.

— Não andes com esse cofre por toda a parte, diziam-me. Podem roubar-t'o e se te cahir das mãos, frágil como elle é... Eu ria de taes conselhos.

— Como é lindo! exclamavam todos e eu, contente e orgulhoso, abria-o para mostrar o meu thesouro. Um dia pediram-m'o para vê-lo. Tolo que eu era! Dei-o.

Tanto a pessoa o virou nas mãos, tanto o abriu e fechou que, por descuido ou maldade, o deixou cahir nas pedras.

O que eu chorei! Puz-me a apanhar os cacos: um aqui, outro ali. Vendo-me alguém em tal trabalho interrogou-me:

—Que andas a procurar entre as pedras do caminho ?

— Os pedacinhos do cofre das minhas esperanças. Quebraram-m'o. Quero ver se o concerto.

COELHO NETTO

—Concertá-lo...! Cofres desses, uma vez quebrados, não ha concertá-los mais. Por mais que busques sempre faltará um nadinha e pelo orifício que delle ficar ir-se-á tudo que no cofre houver.

Palavras verdadeiras !

Tanto catei entre as pedras os mínimos fragmentos que, pacientemente, consegui recompor todo o cofre. O que lhe ficou faltando era tão pouco que só eu o percebia. Esse pouco, entretanto, era tudo porque por ahi escoaram-se todas as minhas esperanças.

Vasio, fiz com elle o que se faz com os vasos delicados que exigem peso para firmar-se onde ficam: enchi-o de saudades, arêa do fundo do coração, sobre a qual rolam os dias, que são as ondas do Tempo, depositando no fundo tudo que nelle cahe.

Cofre da minha felicidade...! Até hoje procuro o escassilho que lhe falta, tão pequenino, mas que abriu uma fenda quasi imperceptível por onde se foram todas as minhas esperanças e entram as desillusões. Bem me disseram :

— Cofres d'esses uma vez quebrados não ha concertá-los mais...!



Boi de Piranhas

Com a orvalhada nocturna todo o almar-gem humido luciluzia scintilantemente em brilhos diamantinos. Rolos de nevoas evoluíam em languidas meadas que se desenrolavam frouxas diluindo-se vaporosamente no ar.

Nuvens esfumeas, diaphanas, elevavam-se da terra chan, pairavam oscillantemente em preguiçosa arfagem e, em allor mole, defluíam lentas, como saudosas das hervas odorantes nas quaes haviam passado a noite fria.

Os cimos empoeiravam-se de lucida polilha de ouro; aguaçães aruindinios refulgiam espelhantes e o azul, descobrindo-se, apparecia, ás nescgas, lumioso e fino, sob a fuga tenue do nevoeiro flácido.

O rio largo, entre areas alvadios, desli-

COELHO NETTO

sava barrento, moroso, espumecendo em frocos, aqui, ali, sobre cabeços de rochas anegadas.

E pela agua, no liso da corrente, desciam em bubuia, ramos, hervagens, por vezes camalotes com flores vivas e aves.

Os vaqueiros campeavam aos brados, reunindo a boiada profuga.

Era uma estropeada tumultuosa : touros possantes, d'olhos esbrasidos, vaccas chocalhando cincerros, badalhocando as tetas em badanas, com os bezerros á cola; novilhos sarapantados, alguns corcoveando ás upas, escouceando, arremettendo ás cornadas.

Um barbalão, de toutiço em caruncula, estacou, atrevido, escarvando a terra furiosamente. E o abôio dos vaqueiros atroava na barafunda do ajuntamento.

E, enquanto elles atropellavam bandos ou reconduziam garranos tresmalhados, o vaqueano, caboclo rijo, de olhos duros, pelle tanada e toda em estrías como rachada ao soí, ia e vinha a cavallo pela barranca, olhando attentamente o rio marulhoso, onde, ás vezes, um peixe saltava d'espadana chapujando nagua que se abria em círculos ondulantes.

VESPERAL

Subito, em um ponto mais escuro do rio, a agua lurida frisou-se fêrvida, em borbulhas. O vaqueano estribando-se, de pernas tesas, empinou-se no lombilho, bradando logo aos vaqueiros:

— Lá estão ellas!...

Foi um instantaneo reboiço entre o gado, todo o armento agitou-se com a investida inopinada dos vaqueiros, que mettiam os cavallos, como aríetes, rompendo a molle viva. Deram em cima de um velho boi espácio, carreiro como assignalava a argola que lhe tinia na ponta de um dos chifres largos.

Perseguido, arrancou do bando; dois ferões, a um tempo, picaram-lhe as ilhargas e o animal, varando por entre os companheiros, partiu desabrido, correndo direito á barranca,

O vaqueano mostrou de novo o ponto effervescente:

— E' ali!

E o velho boi, espicaçado a aguihaldas, atordoado com a grita dos vaqueiros, precipitou-se ribanceira abaixo, resvaladiamente, entrou no hervaçal, onde se deteve um instante a olhar espavorido, como se adivinhasse o destino que o esperava.

A apuada mais rija o sangue aflorou-lhe

COELHO NETTO

á anca entrezilhada. O mísero estrebuchou mugindo doloridamente e, com resignação de martyr, atolando-se na lama, entrou nagua e foi-se lentamente nadando, de cabeça alta, atravez da correnteza barrenta.

E o vaqueano, voltando-se para os vaqueiros que olhavam attentos, promptos á primeira ordem, atirou o braço em gesto decisivo :

— Tóca! Justamente o velho boi dianteiro chegava ao ponto férvido do rio.

Um estremeção sacudiu-o. Rapido, deu volta como para tornar á margem. Os olhos, immensamente abertos, reflectiam o pavor que o desvairava, sacudia afflictamente a cabeça, com a boca arreganhada, a língua flacida pendente, batendo com a cauda em flagello, logo atesando-a a prumo ou rebolecando-a em colleios serpentinos, a mugir cavo, engrolando a voz angustiosa e rouca nos golfões d'água que lhe entravam pela boca.

E poz-se a voltear rodando em torvelinho, sumiu-se em mergulho, reapareceu adiante, ainda mugiu debatendo-se, com um olhar de profunda tristeza alongado saudosamente para a terra.

A boiada descia aos magotes e um dos

vaqueiros, pratico naquellas scenas de braveza, disse contente:

— As piranhas pegaram...

— Depressa! Aproveita, gente! ordenou açodado o vaqueano.

Dois guieiros avançaram e toda a boiada despejou-se atropelladamente e, com atroada de berros e entre choques de chifres, lançou-se de timbuia nagua, atravessando o rio em bolo como uma balsa enorme.

Os que primeiro chegaram á margem opposta, desanegando-se do lameiro e das hervagens floridas, foram logo mordendo as canaranas, outros galgavam as ribas forradas de verdura tenra e todo o gado, em pouco, espalhado na campina assenhoreou-se do pasto.

E rio abaixo, lá ia o fervedouro sangui-nolento denunciando o martyrio do animal, lançado, como tributo da boiada, aos cardumes vorazes das piranhas.

Os vaqueiros olhavam as aguas tragicas onde os peixes borborinhavam e um tangerino moço, condoído do velho boi, suspirou:

— Coitado !

COELHO NETTO

O vaqueano, que se sentara em uma pedra, picando fumo na palma da mão, voltou-se e, encarado no mancebo, disse com sorriso estranho:

— Pena, hein?

— Então?

O vaqueano poz-se a apolegar o fumo. Por fim, levantando a cabeça, falou ao jovem :

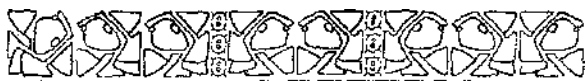
— E você pensa que isto é só aqui com o boi? Pois sim!... Bem se vê que você é novo no mundo. Na vida, rapaz, é preciso que um soffra e morra para abrir caminho aos outros. A vida é como esse rio que você está vendo, cheio de piranhas. Aqui quem paga é o boi... A gente escolhe um, atira nagua e, enquanto os peixes dão cabo d'elle, a boiada vai passando, e passa. Isso é que se chama lambugem, sabe? E' da vida. Aqui é um boi, porque são os bois que têm de passar... E quando são homens?!... A gente tem pena, mas que se ha de fazer? E' assim. E concluiu: Nosso Senhor não morreu por nós ?

VESPERAL

— E' assim mesmo, confirmou um velho vaqueiro que desencilhava o cavallo.

E a boiada solta, em liberdade na campina verde, pastava alegremente ao sol.





O mais pobre

A estrada ardia. Nos mattos estalavam crepitações como de lenha verde ao fogo. O ziar dos insectos fazia vibrar o silencio e a respiração da terra calida cheirava adustamente a rescaldo.

Cabecinha núa, como uma brasa ao sol, porque fizera do chapéu corbelha para as amoras que apanhara nas sebes, lá ia o pequenito.

Caminhava contente, pensando na alegria que ia dar á mãe com aquelles frutos que levava, quando o chamaram da sombra dumas arvores.

Voltou-se em sobresalto e viu um velho e o filho do senhor das minas de ouro.

Com medo que descobrissem o furto que

COELHO NETTO

levava retrahiu-se, quasi chorando. Mas o velho chamou-o:

— Anda cá. Não tenhas medo.

Adiantando-se encolhidamente viu dois cavallos ajaezados a primor, que dormitavam á sombra. E o menino acolheu-o com bondade.

— De onde vens por este sol?

— Do collegio.

— Que levas ahi no chapéu?

— Amoras.

— Amoras!... Que é isso?

— Frutos do matto.

— Deixa-me ver. Provou uma, duas, três, muitas! espantado de que nunca lhe houvessem servido á mesa frutos tão saborosos.

— Isto é só para os pobres e para os passarinhos, disse o pequenito. São as esmolas de Nosso Senhor.

Rindo-se, já amigos, foram-se em direcção ao corrego e o velho deitou-se na relva, adormecendo á sombra duma mangueira.

Sentados na mesma pedra, á beira d'agua, disse o menino ao pequenito:

—Que lindos cabellos tens! Parecem de ouro.

VESPERAL

— Se meus cabellos fossem de ouro minha mãe, que é tão boa, não trabalharia tanto.

— Tens mãe! exclamou o menino maravilhado. O pequenito corou como a uma afronta:

— Se tenho mãe...! Como não?! Ella é que me penteia os cabellos; ella é que me conta historias; ella é que me cura, quando adoço; ella é que me concerta a roupa e me adormece ao collo, cantando, quando, nas noites escuras, tremo de medo ouvindo piar a coruja. Tenho mãe, como não? também não sou tão pobre assim.

— Pois eu não tenho! suspirou o menino. Minha mãe morreu quando eu nasci. Estas terras, com tudo que nellas ha, são de meu pai, que só me tem a mim. No palácio em que moro já se hospedou um príncipe com toda a sua corte. O salão em que durmo é iodo forrado de seda, com lustres de ouro e tapetes onde os pés se afogam. São tantos os meus criados que, a muitos, tenho por estranhos e pasmo quando me pedem ordens.

— E quem lhe conta historias?

— Historias? Leio-as nos livros.

COELHO NETTO

— Quem o veste e penteia?

— A velha aia.

— Quem o acalenta, á noite, quando a coruja chirria e o vento geme nas arvores?

— Rezo á Nossa Senhora.

— Quando adoecer, quem o cura?

— Os médicos.

— E quando a tristeza entra em seu coração, quem o consola?

— Chóro.

Levantou-se, então, o pequenito e, tomando nas suas as mãos do menino millionario, encarou-o compadecido, com os lindos olhos arrazados dágua.

— Por que choras? Que tens? perguntou o menino commovido.

— Choro de pena, porque nunca pensei que houvesse no mundo outro mais pobre do que eu.





Castalia

—Porque hei de ser o único que regresses do monte tão rude como a elle subiu? Vim com o desejo de traduzir em cantos os mysterios da vida e bebi, sofrego, desta água. Sou, entretanto, o mesmo que era dantes. Quando aqui cheguei abriam-se as flores na primavera. O estio dourou as arvores, o outono carregou-as de frutos, o inverno despiu-as das tolhas, outra primavera refloriu-as; e aqui estou como vim. Outros subiram nas minhas pegadas e, só com um gole d'agua, que beberam, desatou-se-lhes a voz em lyricas e desceram cantando. Eu entristeço, caiado, á beira da fonte sonora. E porque, sacerdote?

O hierofanta respondeu ao peregrino melancólico:

COELHO NETTO

—Tens ali um rochedo que o orvalho mólha e as chuvas lavam; em torno tudo é viço, elle é esterilidade eterna: vige alguma o enfeitada, porque é pedra. Põe-lhe em uma das fendas um pouco de terra e que a humedeca um lentejo de rócio e logo rebentará o novedio.

A agua na rocha lisa passa sem deixar beneficio, como o conselho do sabio pelos ouvidos do indifferente. Ama, e a agua fará o milagre. Por uma urna sem fundo pode escoar todo um rio, perdendo-se desaproveitado, e duas mãos em concha sob um lacrimal bastam para recolher o que sacie a sede mais avida. Ama cantarás.

—Então é necessário que eu procure o amor?

—Que o procures, não. O amor é um destino, como a morte: não se procura, espera-se.



A caixa de Pandora

-Se o tempo é a flor da Eternidade como quereis que matemos as Horas, que são as pétalas de tal flor? perguntaram a Zeus Phebo e Artemis, os dois irmãos, conducto-res da Luz.

-Fazei como vos ordeno, disse o olympico, que assim ha de cumprir.

-E como havemos de matar as Horas ?

-Nesta caixa, que foi de Pandora, há dois arcos que será teu, Phebo, conductor do sol; outro de prata, que te destino, Artemis, pastora da lua. Por sessenta feridas, quantas haveis de fazer em cada Hora, estilarão os minutos, em cada um dos quaes haverá tanta vida latente

COELHO NETTO

como ha oceano em toda a gotta marinha. Com os arcos appostos ponta á ponta formareis um circulo com que cingireis a Vida e dentro delle a Alma ansiosa do Homem fará esforços para libertar-se, como o leão prisioneiro giro-vaga na fóssea quando fareja no ar o aroma das silvas ou o cheiro morno dos areaes.

—E as horas mortas?

—Resuscitarão como as sementes que ex-pluem na terra e viçam a flux, verdejando. A arvore despe-se das folhas seccas e solta de si os frutos murchos e, folhas e frutos, cahindo-lhe nas raízes, tornam por ellas em seiva resurgindo nos ramos. Assim o Tempo deve substituir as Horas, trocando-as por outras idénticas, mas não iguaes, para que nellas haja sempre mysterio: cuidados na maior ventura e na maior miseria e agonia e brilho da esperança, que é como o verde das folhas novas.

E emquanto o sol realizar o seu curso iterativo do nascente ao occaso e as frechas fizerem o seu officio de morte, haverá dia e haverá noite.

E a Vida proseguirá no rythmo invariável que regula o passo do Tempo no íni-

VESPERAL

nito, monótono como o bater da vaga no rochedo ou como o pulsar do coração no peito.

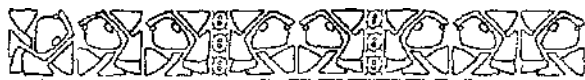
—Mas, exclamou o philosopho, que ouvia o poeta, á sombra de um muro em ruínas, coberto de hervas floridas, o que me descreveis, como o faria um rhapsódo dos dias de ouro, outra coisa não é senão o relógio.

— Ou, com melhor e mais próprio nome: a caixa de Pandóra, com os dois arcos appostos fechando o circulo do Tempo, com as duas frechas mortaes ferindo as Horas.

—E espalhando ventura e desventura mas conservando no fundo, occulta como a machina do relógio, a propulsora perenne da Vida: a Esperança.

- A Esperança, dizeis tudo: o amanha, o todo sempre, a eternidade, a illusão.





Na montanha de neve

O talisman que vedes, disse o bufarinheiro arabe,—e tenho apenas quatro, tantas quantas aqui sois—póde servir a dois fins, visto possuir duas virtudes: uma que lhe deram os genios; outra que lhe deram as péris. Usado ao pescoço ou no punho, como collar ou pulseira dará, a quem o possuir, saúde inalterável, todos os bens da fortuna e intelligencia clara...

—E a outra virtude? perguntou uma das mulheres.

— Ah! a outra virtude, suspirou o bufarinheiro, brincando com o talisman entre os dedos; a outra virtude é a mocidade, com a sua flor: a belleza. Mas, para que se realize o prodigio, exigem as péris sacrificio tamanho

COELHO NETTO

que, até hoje, não houve quem o tentasse.

—E qual é elle? perguntaram ansiosamente, a um tempo, as quatro mulheres.

—E' o de passar sete dias e sete noites ajoelhada na montanha de neve, com o talisman nas mãos, como em uma concha, offerecendo-o aos espíritos da natureza que erram, invisiveis, no ar. Aquella que resistisse a tão dura prova desceria da montanha com a belleza das péris e, ainda que vivesse mil annos, seria sempre moça e bella, como são eternas e luminosas as estrellas do céu.

As mulheres sorriram e lamina, tirando da bolsa um punhado de moedas de ouro, disse estendendo a mão ao árabe:

—Dá-me um talisman. O mesmo fizeram as outras três mulheres. E o árabe, sorrindo maliciosamente dentro da barba densa e negra, prophetizou:

—Não serão mais robustos do que vós os cavalleiros do Yemem, tereis mais ouro do que todos os califas e os cantos que improvisardes serão mais bellos do que os dos poetas que se reúnem no valle de Okadd, onde ainda resoam os hymnos do propheta.

Disse e, reunindo a caravana, foi-se.

VESPERAL

Dias depois, um caçador de antílopes, que atravessara a gélida montanha, contou que encontrara quatro mulheres ajoelhadas sobre a neve e cobertas de neve, mortas, com as mãos levantadas para o céu, em offertorio, hirías como estatuas, lividas, d'olhos muito abertos e maravilhados e um sorriso que parecia se lhes haver gelado no rosto.





O sapato do Natal

— Tão tarde! E o pequeno sem aparecer... A mãe, receiosa que lhe houvesse acontecido alguma coisa, não se arredava da rotula, olhando fundamente a rua deserta e molhada, onde as luzes reflectiam-se, alastrando-a como de palmas de ouro.

Raro em raro, um transeunte, encolhido sob o guarda-chuva, passava apressado. Que teria acontecido!?

Mas um vulto de criança surgiu na esquina, atravessou, a correr, um raio de luz e ella, mais com o coração do que com os olhos, reconheceu nelle o filho.

Ainda elle vinha longe, e já a porta se abria.

Entrou esbaforido e, antes de qualquer explicação, disse arquejante :

—Olha o que eu achei na praia. Que havia de ser? nem mais, nem menos que um frangalho de sapato sem sola, com um resto de salto recomido das pedras.

—Para que trazes isto?

—Pois não sabes que, na noite do Natal, quando todos dormem, anjos descem do céu com presentes para as crianças? Agente põe um sapato perto do fogão, porque os anjos entram nas casas pela chaminé, e, de manhã, quando acorda, vai encontra-lo cheio de presentes? Como eu não tinha sapato sahi por ahi á procura de um e achei este. Está velho, mas é grande! Se os anjos o enchessem de dinheiro... nem sei!

A mulher, com os olhos marejados, sorriu da ingenuidade do pequeno e, attrahindo-o ao collo, num impulso de piedoso amor, beijou-o perguntando:

—Comeste alguma coisa?

—Não.

—Estás com fome?

—Estou, mas prefiro dormir. A gente, dormindo, vâa nas horas.

—Pois sim. Mas antes vai mudar a roupa, porque estás encharcado.

VESPERAL

—Primeiro vou deixar o sapato na cosinha.

Mal o pequeno adormeceu foi a mulher a uma arca, tirou umas costuras e poz-se a cozer em silencio.

Cantaram os gallos, ao longe soaram docemente os sinos, cresceram na rua os rumores da manhan e o sol nasceu dourado.

Ao abrir a janella um golpe de ar fe-la tossir e o pequeno acordou. Vendo o lampião acceso julgou que ainda era noite e perguntou á mãe:

—Porque não te deitas ? Os anjos, sentindo gente acordada, não entram nas casas para não ser vistos. E elles já devem andar voando perto. Vem dormir.

—Dormir!... E abriu a janella.

—O sol! exclamou o pequeno. E não te deitaste!?

—Se me houvesse deitado quem faria a roupa que has de hoje vestir?

—Então... choramingou o pequeno e, saltando da cama, correu á cosinha.

^o sapato lá estava, vasio como elle o deixára.

— Vês? disse com as lagrimas a quatro e

COELHO NETTO

quatro: ficaste acordada e os anjos passaram e foram-se. Elles só entram nas casas quando todos dormem. Se te houvesse deitado estaríamos ricos porque elles teriam enchido o sapato de ouro... e assim...

A mulher esteve um momento a olhar a criança, contendo as lagrimas que lhe subiam do coração. Por fim, tremulamente, disse como um segredo triste:

—Como te illudes, meu filho... o mesmo seria se eu houvesse dormido...

—Porque?

—Porque... os anjos não deixam presentes em sapatos rotos.





Na tenda do oleiro

«Não fareis para vós nem deuses de prata, nem deuses de ouro.» Esta é a sentença que me queres recordar, porque me vês neste commercio de Ídolos.

Não os amoldo para mim, senão para os que têm fé. Faço-os e vendo-os como Schemaia amassa e vende os seus bolos de farinha e mel; mas creio tanto nelles como nas palavras airadas das mulheres.

já me viste no templo ou queimando arómatas diante de algum altar? Religiões são horizontes e os deuses valem tanto como as miragens que se afiguram nas nuvens: coisas da terra espelhadas no ceu. Eu, que vivo entre deuses, nunca testemunhei um milagre.

— Mas propagando a idolatria, ainda que

COELHO NETTO

a não pratiques, incorres em peccado porque, conhecendo o mal, fazes revéis com elle.

—Ebal, que anda, por valle e monte, catando hervas e raizes, não tem mãos a me dir na sua tenda. Os seus venenos dão allivio e restituem a saúde, como os meus idolos confortam e fazem voltar a esperança... menos á minha filha, ai! della, que nasceu e vive entre deuses e não deixa o leito, entrevada e gemendo. Como poderia eu acreditar em idolos se os plasmoo com as minhas mãos, tirando-os da terra onde mais úteis seriam fazendo o milagre de transformarem a semente em flor e em fruto.

—ídolos são como pedras milfiars no caminho da crença.

—Dizes bem: marcos de pedra, barro, metal... coisas vans. Um dia, vinha eu de Joppé, quando ouvi dizer que entrara em Jerusalém o Anunciado. A cidade rescendia e todo o povo cantava brandindo festões e palmas. Certo de que, mais cedo ou mais tarde, haviam de procurar a imagem do novo Deus e ainda com a intenção de pedir-lhe o milagre da cura da minha filha, fui-me no seu encalço. Disseram-me que subira á Bethania.

VESPERAL

Dirigi-me á collina e, guiando-me pelos que o buscavam, cheguei á casa de Lázaro.

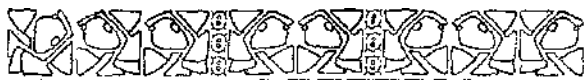
Effectivamente elle lá estava, entre as irmans do ancião.

—E falaste-Ihe?

—Não. Nem passei do limiar da casa, de onde o observei. A esperança, que rebentara em meu coração, murchou instantaneamente como um ramo verde ao fogo. O Anunciado era um homem como eu, como tu. Alto, airoso, moreno, cabellos longos, olhos negros, mas doces, duma doçura triste. Esse era o que ali estava: o Deus dos prophetas, filho da terra lacrimosa, que morreu e soffreu como homem, ás mãos dos homens.

—Mas resuscitou, Joas.

—No canto heróico de Maria, que o amou alem da morte. São as mulheres, Yo-zabad, que fazem com o amor as religiões e as guerras. Nós, homens, com toda a arte de que nos vangloriamos, não produzimos mais do que miragens ephemeras; ellas, com o amor sublime, realisam prodígios enchendo o céu de deuses e a historia de heroes.



O Ribeirão e o Mar

De negra rocha, á sombra de arvoredos
espessos, no mais profundo da brenha, onde se
não infiltra o sol, lenteja, gotta a gotta, a *lympha*
crystallina. Ajunta-se num concavo, cujo fundo
de arêa alveja e os finos herva-çães que o cercam
miram-se no espelho d'agua, de quando em
quando aflorada em friso ao desuse subtií da aza
de uma *libellula*.

Do concavo transborda um fio escasso,
escoa esquivo, blandiflúo, aqui fúiguro, além
bruno, sumindo-se, de repente, entre as
grammineas flexíveis para surgir adiante, mais
cheio. Deriva em silencio absorvendo no transitio
flúente as pequeninas águas que se lhe deparam:
aqui, um arroio; além, outro.

D'alto rochedo a pique escorre, em suor,

COELHO NETTO

um manto d'agua enfeitado de rendas espumosas; doma-o e leva-o.

E o que nascera débil, sem voz, alarga-se, murmura, ondula e, acachoando em pedras que se lhe antolham á marcha, marulha aos borbulhões.

Um veio novo corre attrahido ao seu encontro; outro rompe célere dos mattos, colubreando, e investe como serpente á presa e nelle engolfa-se. E' já um córrego carreando folhas, levando de bubuia ramos e camalotes. E vai indo.

E tantas novas águas se lhe rendem que, ao sahir da floresta, o que era, na origem um rosário de gottas, acachoeira-se es-trepitoso, escuma férvido e, recebendo, pela primeira vez, o sol em cheio, corôa-se de uma irisada aureola de neblina.

E nelle arfam canoas, acardumam-se peixes e as águas, antes rasas e socegadas, agora não consentem vau e estrugem. E' o ribeirão.

*

**

No inverno, com as copiosas chuvas que engrossam os seus tributários, impa or-

VESPERAL

gulhoso e turvo e as terras que lhe ficam ás margens soffrem-lhe as aggressões.

"Espraiam-se as águas salteadoras, a principio em rastejo, mudas. A' noite, avolumam-se e roncam soturnamente. Ouvem-nas os moradores ribeirinhos. Sahem ao limiar com luzes e a claridade estira-se em rebrilho tremulo pela immensa e liquida planura.

Foge a misera gente, o gado arranca espavorido e aberra-se e o que eram póvoas e lavouras, tudo alagôa-se e vêm-se fluctuando, quasi anegados, tectos palhiços e copas de arvores. E as aguas remugem, rolam assoberbadas aluindo casebres e caiçaras, esbarbordando barrancas, galgando cimos.

O vento sopra bonança, atropellam-se em debandada as nuvens plúmbeas, cessa o aguaceiro e o azul aliza-se. Brilha o sol. Logo começam a recuar as águas, serenam, baixam, remetendo-se ao nivel natural.

Insiste o sol em brasa. Os alagados seccam, as abafeiras fumam. Já apparecem pedras e comas emplastadas de hervas.

Regressam dos seus refúgios altos os foragidos: o gado reaparece timido, patinhando na lama. Crianças brincam chapejando nas poças que vão ficando abandonadas

COELHO NETTO

pelo rio. E as arvores escamam o cortiçame do lodo que se lhes apegou aos troncos.

O sol requeima, suga avidamente as águas e a inundação limita-se ás barrancas do rio que, pouco a pouco, mingua em córrego, reduzindo-se, por fim, a um filete que se arrasta, como esma, no fundo do leito retalhado. E é tudo que resta da arrogância avassaladora.

Que é feito das águas atrevidas? eram de empréstimo e foram-se. Petulância de pre-sumpçoso.

Vêde, em contraste, o mar, sempre, invariavelmente o mesmo e nelle, entanto, estão entrando, de continuo, todos os rios da terra e as águas todas das nuvens, e é sempre o mesmo na magestosa serenidade.

Nasceu grande e, justamente por ser forte, é generoso e magnânimo, respeitando carinhosamente a fragilidade da terra, elle, que podia levar as vagas aos cimos mais assomados não vai além das fronteiras brancas dos seus areaes praianos. E é o mar!

Os ribeirões, esses, que só valem pelo que furtam, mal ' se sentem com águas, ie-

VESPERAL

vantam-se em orgulho e devastam. Mal, porem, lhes dá em cima o sol recuara e o rastro que deixam é lama.

Infelizmente o mar é um só e os ribeirões são muitos.



Poesia de Pastor

Sabendo que o pastor, cuja fama crescia entre os homens, só cantava na solidão, caíndo-se retrahido mal presentia sombra humana, Laío e Evandro, philosophos, subiram, uma tarde, ao monte e esconderam-se no bosque, onde passaram a noite.

Ao alvorar, antes do sol, chegou o pastor.

Era jovem e robusto. Uma pelle de cabra, descendo-lhe dos hombros, dava-lhe volta aos rins e, para forrar-se á aspereza dos caminhos, trazia nos pés abarcas de cortiça. Pendia-lhe ao flanco uma concha de tartaruga, que era a sua lyra rústica.

Sentando-se na pedra da fonte, pousou

COELHO NETTO

o cajado, que rematava em espiculo de ferro e, enquanto os chibos e as cabras trepavam em alvoroço pelos alcandores, tomou a concha sonora, picou-lhe as cordas improvisando, enlevado, um cantico ao sol.

Ouvindo-o, entreolharam-se os dois sábios. E disse Evandro a Laio;

— Canta como os passaros. E' uma voz da natureza.

— Levemo-lo conosco, propoz Laio; instruído por nós tornar-se-á maior que Homero e mais suave que Pindaro, o pregoeiro das victorias.

— Talvez seja melhor deixarmo-lo onde está. O rouxinol não canta em aviario: quer o seu ramo livre. A poesia do pastor é como as aguas que brotam na floresta, que logo estancam-se se derrubam as arvores. Ouçamo-lo de onde estamos. No esplendor da cidade elle será ridículo e com a instrucção que lhe dermos talvez perca o dom da poesia. Não o tiremos do agro, que é onde elle têm raizes.

Laio, porém, venceu com argumentos subtis e, sahindo da espessura, dirigiu-se ao pastor, seduzindo-o com taes engodos que o trouxe do monte.

VÉSPERAL

Logo entraram os dois a inicia-lo na Sciencia e tanto como avançavam na verdade ia o pastor perdendo as crenças e ficou todo em luz como um chão de floresta derrubada por lenhadores. E nunca mais se lhe ouviu um canto, nem jamais o encontraram em extase ao luar ou debruçado sobre as fontes impidas, a escutar o cochicho das nymphas entre os lírios.

E disse Laio:

— Tornemos com elle ao monte. Que volte ao penedio e ás arvores e, talvez, recupere a inspiração de outr'ora.

— Como resuscitará a fonte se matamos a floresta? Elle adorava ingenuamente a natureza atravez do mysterio e, onde quer que se manifestasse a vida, ahi punha elle um deus. A Sciencia illuminou-o e ahi o tens, como um homem a quem houvessem roubado a riqueza. Onde, em sua alma, havia illusões, puzemos nós certezas áridas, substituindo o luar, criador de fantasmagorias, pelo sal que tudo revela. Como queres que elle regresse aos montes para cantar os deuses, se não crê; para adorar os astros, se lhes conhece a natureza; para falar ás arvores, se as sabe inertes, para exaltar o amor

COELHO NETTO

se lhes mostramos o fundo do coração feminino? Agora, que o devastamos, que fique na tristeza humana, sem o refugio da illusão.

— E que faremos d'elle?

— Nada mais do que está feito: um homem, igual a todos os homens: campo razo de utilidade material, nunca, porem, nunca mais! criador de poesia, que elle já não a têm para si quanto mais para dar. Era um simples que vivia feliz na ignorância; hoje, encerrado no labyrintho da Sciencia, erra afflicto, sem rumo, nos corredores da duvida. Era poeta no ermo e é hoje um homem triste, sem crenças. A água canta na fonte e cala-se no vaso.

E Laio suspirou:

— Peza-me n'alma o remorso de haver matado um rouxinol. As illusões que lhe tiramos eram nativas e eternas como a floresta do Parnaso. As illusões que lhe impuzemos com a Sciencia são como as plantações dos seareiros que, todos os annos, dado o fruto, morrem e só revijam na terra depois de novas sementeiras.



As tres Irmans

No sopé da coluna enfolhada de pampanos, com um fio d'agua a esmalta-la de scintilações, branca e colmada de jasmins de cheiro, a estalagem sorria afogada em verdura.

Nos laranjaes dançavam moços e raparigas e crianças, com arcos de flores, faziam tal alarido que se ouvia longe.

Uma velhinha, sentada á sombra de enorme algodoeiro, desabotoado em frocos, fiava ouvindo o que lhe dizia um velho encarquilhado, com os olhos fundos refohados em rugas e tão pequeninos, que eram como dois besourinhos escondidos entre pétalas.

O poeta passou pelos grupos e foi-se á saía do albergue.

COELHO NETTO

A locandeira sahiu-lhe ao encontro rindo.

Era uma robusta moça, corada e forte e de tanta graça no leve e ligeiro andar que só para a verem reboir-se na vistosa saia constantemente a reclamavam fóra:

Mais vinho! Mais vinho!

Como estava quebrado de fadiga, sentou-se o poeta em um dos poaes da varanda, onde a moça o attendeu:

— Vinho?

— Não. Leva-me ao aposento mais retirado que tenhas, onde não cheguem rumores de riso nem echo de cantares. Quero o Silencio.

— Silencio! E é aqui que o vindes buscar? Póde lá haver silencio onde mora a Alegria?

— Ah! Esta é, então a estalagem da Alegria?

— Nella estais e a própria dona é que vos fala.

— Desculpa-me, disse fevantando-se. Vim errado. Não é este o albergue que me convém. Não ha outro por aqui perto ?

— Sim, na floresta: uma velha choça

VESPERAL

coberta de hera, onde habita, entre soluços e gemidos, minha segunda irman.

— Como se chama?

— Tristeza.

— E a primeira qual é?

— A Alegria, que sou eu. Tai não vos parecerá quando virdes a Tristeza. Também, coitada! Com tantos filhos!... Casou-se com o Pensamento e passa a vida a chorar. Mas se é silencio que buscais, passai de largo, porque na choça de minha irman ninguém dorme: os Cuidados, não deixam. Silencio só o encontrareis adiante.

— Onde?

— Na estância da nossa irman mais moça, a Morte.

— Mais moça...!

— Sim: veiu depois de mim e depois da Tristeza. E' a ultima.

— E a Esperança, onde mora?

— A Esperança? A Esperança é uma pobre louca, que anda pelas estradas coroada de folhas verdes. O seu prazer é banhar-se nos lagos, mirar-se nas poças d'agua e, vendo o azul reflectido em taes espelhos, imagina achar-se no ceu, como estrella. Pobresinha!

Ide á minha irman mais moça. E foi-se poeta.

Passou pela choça da Tristeza: tapera lugubre em cujo tecto palhiço arruinavam pombos. Na eira, tanta era a gente de luto que fazia como uma sombra larga ao sol' Ouviam-se os soluços á distancia e os clamores atroavam o ar.

— E' mais ruidoso, talvez, que o albergue da Alegria, pensou o poeta desviando-se e, depois de andar horas e horas, ao esmo recer da tarde, chegou á estancia da Morte.

Era um campo estirado de filas de cyprestes, com salgueiros chorando ramas.

Bateu num cippo funerário. Levantou-se a lapide e a Morte surgiu-lhe como de um alçapão. Disse-lhe o poeta o seu desejo e a senhoria dos túmulos respondeu-lhe em palavras graves:

— Em qualquer ponto deste campo terieis o que pedis se não trouxesseis alma. Aqui reina o silencio. A alma é que faz o ruido da vida com o estuar dos desejos, que se sublevam em ambições; com os amores, que degeneram em loucura e com esse delírio a que chamais «Ideal», investida ridícula ao Infinito, tentada por ephemeros. Não ha tor-

VESPERAL

mentas que estrondem tão alto nem oceanos que rujam tão forte corno um coração que se accelera em ansia. Tornai á vida até que elle cesse de bater e, por frio, a alma o abandone diluindo-se no infinito como se esgarça no ar o fumo de um fogo morto.

Disse e recolheu-se ao tumulto. E o poeta regressou á vida pelos caminhos que trilhara buscando a Morte.

E agora, pobre louco! como a Esperança abeira-se dos lagos e das poças d'agua illudida pela imagem do céu, que n'elles vê, elle não deixa o lume de dois olhos negros, que o guiam e, que, parecendo-lhe estrellas, são brasas que o vão queimando.

E a Morte, que o espera, já começou a construir no campo silencioso a morada que lhe destina e, enquanto trabalha, canta em voz presaga:

«O amor é chamma que attrahe e mata a mariposa divina...»

E a alma do poeta desfaz-se em canções e idyllios que a dona dos olhos negros recebe e espalha indifferente no ar



Na varanda, ao luar

— A confiança é como o sol, minha filha ; o ciúme é luz de luar. Antes a noite negra, que encobre, do que o pallor que tudo transfigura, fazendo dum ramo de arvore um espectro.

O luar é intrigante como Yago, e Othello preferia a certeza á suspeita do crime, porque na certeza são os olhos que vêm e na suspeita é o espirito que imagina. Que provas tens tu?

- Provas, seguramente não as tenho; se as tivesse não pediria o teu conselho: procederia de «motu-proprio».

- Pois se não tens provas não accuses mando nem faças á tua amiga a injustiça e a suppores capaz de traição.

— Papai, a mulher é mais perspicaz do que o homem, por ser mais instinctiva o homem pensa mais do que observa, olha mais do que vê. E' como o sol que diffunde clarão e abrange immensidade, mas a sua luz não esquadrinha em pesquisas. A mulher rebusca, especula, afurôa — é como a lanterna surda que avança sorrateiramente na treva illuminando recantos e frinchas.

Como o selvagem, a mulher tem os sentidos muito agudos: escuta no silencio, vê no escuro, apalpa no vácuo, fareja no ar. O homem só dá pelo crime quando vê sangue ou vergonha; a mulher presente-o na premeditação. Os oráculos eram sybillinos.

A intelligencia feminina é toda feita de sensibilidade. Quando a mulher desconfia é porque alguma coisa a ameaça. E eu desconfio, meu pai.

— E quem é essa criatura?

— Uma espécie de manequim em que fudo se ajusta, como na hypocrisia. E, justamente por ser um conjuncto de mentiras, seduz, como toda a illusão.

— Mas se ella é assim porque a recebes ?

VESPERAL

-Bem se vê que vives alheiado do mundo, entre livros. Ha criaturas que se insinuam como o pó: para evita-las seria necessário que eu trouxesse sempre a casa fechada. Ainda assim... Não sei! Essa é das taes. Recebo-a sempre friamente, não lhe retribuo as visitas, evito-a nas ruas e nos salões onde a encontro. Ella, porém, procura-me, agarra-se a mim, forçando a minha intimidade.

— E teu marido?

— Que têm?

— Já o surpredeste em falta ?

— Não.

— Então porque desconfias ?

— Porque não é o mesmo, de uns tempos a esta parte.

— Maitrata-te ?

— Não, trata-me até com mais carinho agora. Mas as flores também enfeitam os túmulos. Os carinhos de meu marido fazem-me Pensar em coroas funereas. A vida está lá fora, a sepultura é esta casa e a morta sou eu, coberta de rosas.

- E se teu marido está innocente?

— A innocencia fluctúa sempre, meu pai.

COELHO NETTO

— Nem sempre. A's vezes, para encontra-la, é necessário descer ao fundo do abysmo.

— Eu descerei.

— E' arriscado.

— Que importa!

— O ciume desvaira-te. Filha, não queiras mais do que aquillo que tens á vista. Contenta-te com o azul. O céu é um saínete com que a religião nos consola da morte. Se fores, com sede, á fonte mais limpida e mergulhares profundamente a bilha, até que toque o leito, farás affluir á tona d'agua, turvando-a, o rebalço que jaz assente no arro. Assim no coração, que é fonte onde se refresca a alma, o amor é a agua. Se o tomares na superficie ha de saber-te á ventura, se lhe chegares ao fundo farás subir a flux tudo que ha nelle de dissimulação. Porque nas de toldar a água e dar-lhe ao gosto saíbo cenagoso ? Contenta-te com o que vêes e gosa as apparencias. Na vida é a illusão que nos guia. E' ella que nos esconde a morte com a verdura da esperanza e nos leva distrahidos em miragens atravez do deserto em que somos peregrinos.

VESPERAL

pensas na morte, apesar da terra ser toda uma sepultura? não! E porque has de torturar-te eternamente com o ciúme?

_ porque o ciúme é a essência mesma do amor.

— E' o lodo revolvido que sobe do coração toldando a agua em que a alma se abebera e que será sadia, se fôr limpida, e será venenosa se estiver eivada de detritos.

Aquellie que, mergulhando, revolvesse o leito do rio mais crystalino, subiria á tona enojado, golfando em náuseas a água que houvesse engulido.

Ama, quero dizer: bebe a água que tens e deixa que passem na correnteza e nella afundem as folhas cabidas das arvores acenosas. Tu mesma, quem sabe lá! has de ter resíduos no coração. Sonda o passado, recorda a tua vida de solteira e nella has de achar rebalço. Foi teu marido o primeiro e unico amor que tiveste?

Que importa o que jaz no fundo se na vida fluctuamos no superficial? O amor é como Deus: um invisível em que todos acreditam, que todos invocam, a que todos se ajoelham e que ninguém verá jamais, sendo entretanto, a Providencia da Vida.

COELHO NETTO_

Os que se entranham no mysterio, procurando a causa, perdem-se na loucura. Contentemo-nos com a graça divina, que se manifesta em tudo que nos cerca: no sol no ar, no azul, nas flores, na vida, no mundo emfim, que é o paraíso que temos.

— Prefiro o inferno, meu pai.

— Mau gosto.

— O amor sem ciuj é como um fruto sem acidez. O homem não ama, habitúa-se. Só a mulher tem coração para o amor,

— E para o ódio.

— Quanto mais clara é a luz mais se denigrem as sombras.

— Razão têm os pomareiros quando lastimam um bello fruto...

— Porque?

— Porque... quasi sempre têm larvas.

— Que queres dizer?

— Quero dizer... que és bella.





Paradisia

D'uma estrella fizera Deus aquella ilha e nella assistiu enquanto fabricou o mundo. Onde solo mais rico, armais fino e mais puro, águas mais límpidas e frescas, arvoredos mais vírides, aves de plumagem tão váriegada e canto tão harmonioso, flores mais redolentes e animaes de tanta mansidão ?

As lavouras brotavam ricas, sem trabalho d'homem, o ouro luzia á flor da terra, o diamante forrava o leito raso dos córregos; havia rochas de esmeralda, cavernas accesas em beryllos e tantos eram os rubis nas serras que formavam por ellas como caudaes de sangue.

Nem frios, nem calores ; uma temperatura

equilibrada que permittia caminhar ao sol e dormir, sem resguardo, á luz da lua.

Paradísia chamava-se a ilha afortunada

Uma tarde, passeiando na praia vários insulanos, ouviram clamores que vinham do mar.

No porto, aferradas a âncoras d'ouro, baulouçavam-se embarcações de vários portes. Os da ilha lançaram-se em bateis ligeiros, e fazendo-se ao largo, recolheram um naufrago que, durante três dias e três noites, rolara em vagalhões de tormenta agarrado a um remo. Agasalharam-no, vestiram-no, fartaram-no. E o homem, repousado e contente, narrou-lhes a sua historia : era pescador, d'uma aldeia miserima, entre dunas e penhascos, onde as mulheres, de luto, amaldiçoavam o mar.

E mais : descreveu as terras d'alem, assoladas de males, adustas no verão, regeladas no inverno, onde os homens degladiavam-se pelo ouro e pelo gozo.

E falou da miséria e da morte, das angustias da fome e das dores que lancinam, das enfermidades que deformam, do abandono em que jaz o pobre, da soberba dos ricos, da humildade dos fracos, da arrogância dos fortes, referindo-se ainda ás traições, ao vicio, a impiedade e ao crime.

VESPERAL

E os insulanos ouviram-no maravilhados.

Na manhan seguinte — e foi esta a causa da grande guerra que entre si travaram os paradisios — como o naufrago affirmasse que se nortearia pelas estrellas, direito ás terras d'alem, foi uma azáfama em apparelhar e abastecer triremes e, como todos o quizessem por piloto, renhiu-se a luta armada.

Tingiu-se a terra de sangue e o incêndio lavrou do casario á floresta.

Foi então que, na altura, estrondou a cólera de Deus contra aquelles homens da sua preferencia que, vivendo em felicidade plena ainda haviam desejado o que lhes descrevera o pescador.

E, pelo crime d'essa ambição, Deus conflagrou os elementos : fendeu, esboroou a ilha, assoberbou os mares, desencandeiou os ventos, inflammou os raios e subverteu no abysmo Paradisia, fazendo desaparecer com ella a única estância de ventura que deixara no mundo.





A mentira

Depois que Adão e Eva foram expulsos do Éden o delicioso jardim transformou-se em selva brava. Os dóceis animaes, que viviam associados, pastando nos mesmos campos, bebendo nas mesmas ribeiras enfureceram-se e os mais fortes lançaram-se sobre os mais fracos. O sangue correu copioso.

As arvores agulharam-se de espinhos. E as pedras explodiram faúlhas, o mar e o rio empollaram-se em vagas, o raio sulcou o espaço, appareceram grosssa nuvens negras, pejadas de tormentas. E veio a primeira noite.

Na escuridão de uma caverna, abrigo de leões, encontram-se duas virgens. Uma era tão clara e os seus olhos brilhavam tanto que, em volta de seu corpo nú, tudo resplande-

COELHO NETTO

cia. A outra, coberta de folhagem, attrahida pelo esplendor da primeira, foi por elle e alcançou-a. Juntas, encolhendo-se em um vão da furna, conversaram :

— Que terá acontecido ? Onde andar´a o casal de Deus ?

— Não sei, respondeu a virgem luminosa. Não os encontro, por mais que os busque. E agora, então, neste escuro. Que terá acontecido ao sol ?

— Eu sei.

— Sabes ?

— Sei. O sol era só e vivia triste, como Adão antes de Eva ser creada. Então o Senhor adormeceu-o para tirar-lhe do corpo uma companheira, a lua, que será a mãe das illusões. Ouvindo a companheira, que assim falava, perguntou á virgem luminosa :

— Tu quem és ? Como te chamas ?

— Eu sou filha da terra, nascida, ha pouco, na raiz da arvore que está no meio do Paraiso. O meu nome é Mentira. E tú ?

— Eu sou uma das virgens que cercam o throno do Senhor. Fiquei na terra para guiar o Homem. Já que o não vejo dentro da escuridão vou regressar ao céu.

— Leva-me contigo, pediu a Mentira.

—Vem. E as duas levantaram vôo. Chegando ao céu, foi a Verdade entrando e os anjos receberam-na contentes. Vendo, porem, que a outra a acompanhava, oppuzeram-se :

—Quem és tú ?

—E' a Mentira, disse a virgem luminosa, filha da terra, nascida na raiz da arvore que está no meio do Paraíso.

—Para traz! intimaram os anjos. Não tens aqui lugar. Regressa ao teu berço. E fecharam a porta diamantina.

Ficou a Mentira no espaço e, receiosa de tornar á terra, onde tudo era revolta e furor, tomou a direcção do inferno. O caminho era sinuoso e áspero, calçado a brasas, por entre escarpas por onde escorriam caudaes de lava. Chegando ao vestibulo combusto pediu para falar a Lucifer. Uma salamandra introduziu-a.

O mau Anjo recebeu-a carrancudo :

—Senhor, venho implorar a vossa protecção. A terra escureceu de repente e, tudo que nella havia, que era dócil, embraveceu e ameaça-me. Guardai-me comvosco.

—E quem és ? Como te chamas ?

—Sou a Mentira. D'um salto poz-se Lucifer de pé, sorrindo e, abraçando a virgem.

que o encarava, espantada da súbita mudança, exclamou ameigando-a :

— A Mentira ! Pois és tú ? ! Foste tú que nasceste da semente do fruto prohibido ?

— Eu, mesma, Senhor.

— E foste bater ao céu ?

— E repelliram-me.

— E vens pedir soccorro ao inferno ?

— Certa de que m'o dareis,

— Não. Preciso de ti na terra. Regressa e assume o governo do mundo. Serás a dominadora da Vida, e a minha Força entre os homens. Vai! E deu-lhe um cofre onde havia todas as seducções e todos os caprichos. Mas a virgem hesitou medrosa e, em palavras tremulas, falou :

— Mas onde poderei eu ficar, Senhor ? Não ha lugar na terra para mim. As florestas tomaram o solo, o mar e os rios não me aceitam, nas cavernas acolhem-se os animaes ferozes, nos próprios ares, ainda que eu nelles me pudesse librar, pairando sobre as azas, teria de defender-me dos abutres. Onde ordenais que eu fique ?

— No coração da mulher, disse Lucifer, e, d'ahi, governarás a Vida. E, beijando-a na

VESPERAL

boca, acompanhou-a ao vestíbulo e despediu-a.

Eis porque, desde que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, a Verdade desapareceu do mundo e a Mentira domina onnipotente.





A cigarra e a formiga

Que faisiez-vous au temps chaud? Dit-elle a cette emprunteuse. Nuit et jour à tout venant. Je chantois, ne vous déplaie. Vous chantiez! J'ai suis fort aise. Eh! bien! Dansez maintenant.

LA FONTAINE

Posto que se houvessem provido para o Tempo aspero, as formigas começavam a preocupar-se com a delonga do inverno: Maio nevava ainda. Já se agitava em receio o povo com o subterraneo guando uma velha formiga, com experiencia de dois invernos, ponderou, acalmando-o:

COELHO NETTO

— Não vos alarmeis, filhas da terra. Cante a cigarra cálida e o sol reabrirá no azul os dias de ouro. Taes palavras soaram em tom de oráculo. Certa formiga, porém, que até então, se conservara quieta, suspirou lamentosa :

— Ai! de nós, se a volta do sol depende do canto da cigarra, nunca mais reviçarão as lavouras nem se revestirão de folhas as arvores do bosque.

— E porque ? perguntaram. E a merencorea contou como, no cerrar do inverno, a cigarra lhe pedira o empréstimo de uma migalha e a resposta que ella lhe dera. Foi, então, um alvoroço no formigueiro. Tornou a velha formiga com o seu suave conselho :

— O mal está feito, disse, não o aggraveis com um motim. Ide todas com provisões de soccorro, correi frinchas e taliscas, fendas e brocas de troncos, gretas de barrancas e lezins de rochas e talvez ainda encontreis viva a cigarra. Ha um deus que dá aos pobres lareira e cibo no somno em que os adormenta. Talvez esteja a dormir, sonhando.

Ennegreceu a neve em volta do formigueiro com a sahida do enxame, logo, porem, dispersando-se, seguiu, cada qual, a seu rumo.

VESPERAL

Quiz o destino que fosse a própria formiga que negara a esmola á cantadeira, quem a encontrasse em uma lura, inerte, fria, como morta. Acudiu á miséria com os cordiaes que levava e, vendo-a mover as azas debilmente, deu-lhe de comer bastante.

Fartou-se a cigarra e, á medida que as forças lhe voltavam, abria as azas, distendia as pernas e ensaiava cicios. E lenta, tropega, arrastou-se até á beira da cova.

Tudo era esqualor de neve e bruma. E a cigarra cantou.

Logo rolaram de roldão as nuvens, os riachinhos gelados despertaram, jorraram catadupas das montanhas e rasgou-se uma nesga de azul e por ella desceu uma restea de sol: era o rebento da luz. E foi a vez das raizes e dos ninhos acordarem - romperam novedios, bateram azas no espaço e houve aroma e houve cantos. Era a primavera.

E a cigarra cantou mais alto e os lavradores saturam, balaram os rebanhos contentes, mugiram os bois no trabalho e a azenha perra girou na levadia.

Então a formiga poz-se a escutar o canto a cigarra, ao sol, vendo reçumar a vida em volta da arvore décidua em que desferia o

COELHONETTO

insecto. E, recolhendo-se ao formigueiro via outros cantares humanos, qual mais alto e jocundo, qual mais meigo e amoroso. E assim a cigarra imprevidente e provida restituia o sol e a vida a quem lhe negara a miga.

Assim és tu, Poesia, sempre generosa que, aos que mais te desprezam, nas horas agras dás esperanças, que é luz, dás o amor, que é sol; e dás a fé, que é o azul, consolação dos olhos desesperados.



Aguas subterraneas

Para que cavas tão fundo, cavador? a semente aninha-se em um sulco.

Se é para a vida que trabalhas não dês ao berço a profundidade do sepulcro.

Não vinques tão a dentro o solo. Para chamar á face da terra a flor, que é o seu sorriso, basta um golpe. A cova é vácuo que penetra o chão e o abre largo e descoberto como o riso sem carne da caveira. Não faças obra de cemitério, tu que és sementeiro.

A terra, para produzir, basta ser afluada; quem a recava demais topa com as águas subterraneas e, em vez de evocar a florada, provoca borbulhões cacheantes.

Tudo requer medida para ser perfeito. Nem tanto cavar, cavador, que as minas d'a-

COELHO NETTO

gua rebentarão a teus pés e ficarás em dilúvio.

Não rias tanto, linda moça, que assim dás com a tua alegria em pranto, porque o rir é, também, cavar.

Quando sorris ficas com o rosto florido; gargalhas e toda se te engelha a face deformando-se como um terreno revolvido e, se insistes, vê-se-te a boca como um jazigo, em cuja beira alvejam os dentes em ossada. E que te acontece aos olhos ? ficam marejados. E' que entras demais com a alegria no intimo d'alma como o cavador teimoso pela terra; e que acha elle no fundo? aguas; e tu, que encontras? lagrimas.

Fazes mal em rir assim; contenta-te com o sorriso que te embelleza e toda te reveste de graça.

Rindo, como ris, acabas chorando e, com o pranto em fios pelas faces, não sabe a gente se em verdade, ris ou se choras disfarçadamente.

Olha o cavador! Tanto enterrou a enxada, tanto avançou com a cova que lá deu, no abysmo, com o veio das águas reconditas.

VESPERAL

Não rias tanto, linda moça, que o riso é como o sói em neve: brando, fa-la scintillar iriada; forte, reluma-a e funde-a em corredeiras.

Não rias tanto porque o fundo do coração é como o fundo da terra — um manancial.

Olha o cavador! Tanto desceu com a enxada que as águas das minas romperam das profundezas como te estão a correr dos olhos, á força de tanto rires, essas lagrimas que não são mais do que águas subterrâneas do coração. Nem tanto cavar, nem tanto rir. Para chamar a flor á terra basta um sulco, e a maior alegria cabe num sorriso.





O relógio

— Que é isso ?

— Isso, que ?

— O relógio... Porque está batendo assim ?

E' o relojoeiro que o está examinando.
Parou a tóa. Também está tão velho...

— E'. Deve ter mais de oitenta annos. Eu
estou com sessenta e três e, quando nasci, elle já
era velho em casa. Naturalmente o relojoeiro ha
de querer leva-lo para a officina.

— E'.

O nfermo soergueu-se com angustia respirando
a haustos e, depois de uma pausa melancolica,
murmurou humildemente:

COELHO NETTO

— Eu devia ir também para uma Casa de Saúde.

— Ora, papai... Que idéia Você tem cada uma...

— Não, minha filha ; eu sei. Os doentes incommodam. São trambolhos no meio do caminho atrapalhando o andar dos que têm pressa. E, quando são velhos, como eu, ainda pior. O relógio, com esse bater descompasado, é como eu com a tosse, com os gemidos, com as ímpertinencias, sempre a chamar vocês para uma coisa e outra. Se eu estivesse em uma Casa de Saúde...

— Era o que faltava! Papai quer mais alguma coisa ?

— Não. Olha fecha a janella. AÍais corre o ferrolho.

— Quer ficar no escuro ?

— Talvez durma um pouco. Assim... Agora vai. Tens que fazer lá dentro. Se eu precisar chamote-

— A campainha está aqui. E' só papai estender o braço.

— Sim. Vai.

VESPERAL

Cahia, contínuo e funebre, no silencio o som monotono das horas como se todas, uma a uma, abandonassem a velha caixa.

O enfermo encolheu-se, puxou as cobertas até o queixo e, immovel na escuridão do quarto, ficou-se a ouvir supersticiosamente aquelle rumor de abandono: a sahida das horas, seguindo com a imaginação a tragedia, só para elle representada por aquelles sons lugubres.

D'olhos fechados via o relógio, um grande relógio de armario, que lá estava a um canto da sala de jantar, com o seu quadrante de porcellana reticulado de fissuras e o disco da pendula oscilando lento, em lampejos irradiantes.

Via-o cheio de tempo, como um cortiço enxameado, sempre a gerar segundos que cresciam em minutos até chegarem a horas para, então, fugirem, perderem-se na Eternidade. Dentro, porem, da caixa a vida continuava com a versatilidade da pendula, e outros segundos nasciam, cresciam em minutos, em horas e iam enchendo os dias, semanas, mezes, annos, sempre alegrando a casa com o zumbido sonoro.

COELHO NETTO

E parara.

Quando as abelhas abandonam o panal as miserias entram-lhe pelos aivados. E aquellas horas fugindo assim em atropello como as abelhas fogem quando lhes crestam a colmeia... Fuga de abelhas é signal de desgraça!...

Que teria acontecido ao relógio? Talvez a corda houvesse rebentado.

Só elle o entendia, coitado! Dava-lhe corda, acertava-o, até com elle conversava reprehendendo-o por descuidos na marcação do tempo.

Aos sabbados lá estava para alimenta-lo e se, alguma vez, esquecia-se, ouvindo as horas fracas, logo acudia ao reclamo do faminto desculpando-se do descuido com a velhice que o desmemoriava.

Mas com a doença, sem poder sahir da cama, ali a acabar... Pobre relógio!

Quantas horas teriam passado por elle desde que sahira da officina natal: horas alegres, horas tristes, abelhinhas invisiveis que andam pelas almas como as outras pelas flores. Quantas!

VESPERAL

E lá fora continuava o som cadente e lugubre, um a um, no silencio.

O enfermo sentiu o coração crescer-lhe precipitando as pancadas, como se tambem estivesse a esvasiar-se da vida, á maneira do relógio que baila a tóa, desordenadamente, horas e horas seguidas.

Espavorido soergueu-se difficilmente apoiado aos cotovellos e ficou á escuta.

Silencio. O relógio deixara de bater. Porque?

Iam, de certo, leva-lo. Elle, porem, voltaria ao seu canto, na sala; voltaria concertado para continuar a vida, espalhando novas horas pelo Tempo, abelhas para fabricarem Riysteriosamente mel e cera.

E o seu coração? Para esse não havia concerto e, lançando assim a vida precipitadamente, em breve estaria sem nada.

Quiz ver o sol — a anella vedava-o e a escuridão tornou-se-lhe densa, pesada como terra de tumulo.

Sentiu uma oppressão de asphyxia, pruir de vermes no corpo, vibrações de arrepios e um somno que o invadia, entrando-lhe

COELHO NETTO

pelos poros como a agua encharca a esponja. Um som longinquo de campainha de viatico! soou-lhe aos ouvidos longa, percucientemente.

Quem teria pedido o Nosso Pai?

Abateu no travesseiro boquiaberto, d'olhos parados e a luz foi-se-lhe nelles apagando. Em impulso extremo da vontade quiz alcançar a campainha—o braço não se moveu, inerte. Tentou um grito e o ar sahiu-lhe em rouquejo, a rolos, como se lhe houvesse entrado agua pela boca.

E a vida, esparsa no ambiente, não conseguiu penetra-lo como não entra o sol em uma casa a que fecham aferrolhadamente portas e janellas.





Querencia

Viajavam sempre juntos, na mesma carreta: o cafre e o esquimó. Eram eiies, mais um urso e dois macacos, as curiosidades com que os saltimbancos attrahiam concurrencia ao circo, Assim, apenas chegavam a qualquer cidade ou villa, logo faziam sahir o palhaço escanchado num jumento, annunciando o homem que vivia dentro do gelo e o negro, queimado do sol, que domava serpentes.

E nas casas, nas lojas, nas lavouras e até no adro das igrejas outro não era o assumpto das conversas senão os dois homens nunca vistos: um que vinha do polo, outro das brenhas d’Africa.

COELHO NETTO

Desde a tarde, quando se accendiam as luminarias á entrada do circo e começava zabumbar estrondoso, com o falario araviado dos palhaços, cabriolando aos trambolhões e taponas no alto de um estrado, era gente a chegar por todos os caminhos: a pé, aos grupos, a cavallo, em carriolas e o interesse que trazia a todos, ás vezes, de leguas, era somente o de ver os dois homens raros, tão preconizados pelos reclamos.

E começava o espectáculo.

Esforçavam-se á compita funambulos e volantins, equilibristas e saltadores, pelotiqueiros e malabaristas, prestimanos, volteadores e amazonas; o povo borborinhava ansioso á espera dos dois homens e, quando lhes chegava a vez, um silencio de curiosidade abafava o murmurio.

E afinal, que eram elles, os «grandes números» do programma ? um macambuzio groelandes e um negro bronco que grugrulhava saltando, em tripudio selvagem, ao som monótono de um tamboril.

Era tal a decepção do povo que, no segundo espectáculo, difficilmente conseguiam os saltimbancos gente que desse para uma fila da archibancada.

VESPERAL

E lá vinham, depois dos gymnastas, dos mimicos e dos animaes os dois exilados tristes.

No dia seguinte, pela manhan, partia o bando estrada fora, ao som dos tambores e cometas, com a cavallhada nédia, o urso lerdo os trefegos macacos, homens, mulheres e crianças luzentes de lentejoulas e o esquimó a o negro sempre juntos na mesma carreta, cada qual acororado a um canto.

Não trocavam palavra. A's vezes entretanto, encaravam-se longamente, sacudiam a cabeça em gesto de desalento e, suspirando, recaihiam na tristeza lugubre.

Que lhes importavam os caminhos por onde transitavam: ruas de cidade ou estradas aldeans, se viam apenas o que trazia aos olhos a saudade!

Definhavam melancolicamente e o que a um e outro os ia consumindo era o mesmo mal, a mesma doença surda — a nostalgia da pátria, o appello da querencia.

O groelande suspirava pelos gelos, o negro pelos areaes. Um, quando o luar alicia os campos, sentava-se merencoreamente á porta da carreta enganando o coração

com o espectáculo da alvura silenciosa lhe recordava os páramos onde o vento pulverizando a hybernia, passa ululando, envolto em brumas.

O negro, esse era nas horas mais quentes do dia, quando o sol fazia crepitar a terra secca, que mais sentia a angustia da saudade. E lá iam perecendo á dor da ausencia, sempre longe, soffrendo do apartamento do que lhes era a vida: o gelo para o esquimó, e para o negro o sol.

Andaram, andaram, até que, uma manhan, sol alto, dando o director do circo pela ausencia dos dois homens, foi á carreta onde elles. Bateu. Não responderam. Forçou, então, a porta frágil e entrou.

Lá estavam os dois, cada qual a seu canto, mortos: um perecera com saudades do gelo, o esquimó ; outro succumbira á saudade do sol, o negro.

Partiram juntos, á mesma hora, talvez, e as almas separaram-se na altura: uma, em direcção ao polo, a rever as planuras e os rochedos hyalicos; outra, em rumo ao deserto de arêas cálidas.



O fruto da Arvore da Vida

Emquanto Adão lavrava a terra, para entreter os filhos, que eram quatro: Cain e Azrum, Abel e Owain, nascidos aos casaes, como se viessem, desde o ventre, nupcialmente unidos, Eva referia-lhes a delicia dos dias paradisiacos.

Ouvindo-a, certa vez, Azrum, a mais velha e mais linda das meninas, que nascera da mesma dor em que viera Cain, perguntou-lhe, aconchegando-se-lhe entre os joelhos:

— Se era tal como o descreves porque deixaste o jardim por esta terra maligna, alagada em pântanos, eriçada de espinhos e crespa de tojo e urze?

COELHO NETTO

— Não o deixamos de nosso grado: fomos d'elle expulsos. O Senhor, que tudo nos concedera e facilitara, só nos prohibira tocar nos frutos da Arvore da Vida. Uma manhan como nos achassemos á sombra da Arvore defesa, a serpente desceu das frondes enroscando-se-lhe no tronco e, alongando a cabeça astuciosa, falou-me com dizeres de engano induzindo-me á desobediencia. E pequei contra Deus. E, assim como me tentara a serpente, assim tentei eu a Adão, offerecendo-lhe um dos frutos que colhera.

Pareciam de ouro e rescendiam como flores.

Puzemo-nos a descasca-los e, tantas eram as cascas, que formaram monte diante de nós.

Chegando ao âmago, com ansia de saborear a polpa, que devia ser fina, não encontramos mais que um bocado de terra e vermes como sementes.

Ainda não sahiramos do espanto quando os ares estrondaram com a voz do Senhor e vimos resplandecer na espessura das arvores, lá atroando fremitos e uivos d'animaes enfu-

VESPERAL

recidos, o Anjo que nos apontava o caminho do exílio.

Tal era o fruto proibido, o fruto da Arvore da Vida, imagem da mesma vida, com o que ella tem de enganos e illusões.

Desde que sahimos do Eden outra coisa não temos feito senão procurar a felicidade e os dias passam, succedem-se como as cascas do fruto de ouro, prolongando o nosso soffrimento até que cheguemos ao ámago onde acharemos um pouco de terra com os vermes da morte.

—E se não houvesse colhido o fructo? perguntou Abel, o de cabellos dourados.

—Se o não houvesse colhido, disse Eva sorrindo e com lagrimas nos olhos, não teria soffrido a dor da vossa vida, mas não gozaria ouvir o que os anjos não ouvem no céu
- o doce nome de mãe com que me acaricias.





A vitória do Príncipe

Farto de victorias e gasto de prazeres entediava-se mortalmente o príncipe na monotonia da corte quando lhe ocorreu a idéa arrogante de combater e aniquilar a Noite.

Convocando a palacio sabios e sacerdotes, expoz-lhes o seu capricho pedindo-lhes conselho. Todos, unanimes, louvaram-lhe o proposito, augurando-lhe o triumpho e cada qual, com excepção apenas de um, que vivia solitário na montanha, suggeriu-lhe uma idéa.

Este, lembrou abater-se a floresta para que se levantassem com os troncos fogueiras altas: esse, que se canalisasse para os jardins um rio de naphta; aquelle, que se corresse no bordo das muralhas um debrum de bitume; outro, que se requisitassem todas as lâmpadas e tripodes da cidade para illuminação do arvoredos.

COELHO NETTO

Um só conservou-se em silencio e, calado, como se mantivera, calado foi-se.

Durante mezes, sem descanso, trabalharam milhares de operarios, até que chegou a data em que se devia travar o combate.

Antes de cahir o sol começou nos jardins e nos palacios a azáfama aforçurada. Primeiro accendeu-se o bitume das muralhas e logo, esfervilhando, ardeu a orla estendendo-se na sombra, em voltas sinuosas, como um dragão que cercasse a cidade ; as fogueiras atorrea-das crepitaram eruptas; explodiu violentamente a naphtha rolando o incendio; tripodes e lampadas alumiarão-se no folhedo; brilharam lumes em todos os pontos dos jardins nos macissos e nas aléas: aqui, em linguas lividas, além em áscuas tremulas e o palacio illuminou-se incendiado.

E, como os que a elle affluiram eram guerreiros com armaduras lampejantes, nobres com os seus vestidos attalicos, damas em trages fulguros, carregados de joias, no torve-linho em que se moviam relumbravam scintil-lações.

Accentuou-se o deslumbramento quando o príncipe, em maravilhosa pompa, trazido num palanquim, sob uma fronde de aláras,

VESPERAL

cercado de luzidos guardas, appareceu no salão de columnas de onix, cujo soalho, vermicudado de incrustações, coruscava como esparzido de fágúlhas.

De todos os peitos, como de um só, reben-tou unisona a acciamação triumphal: "Gloria eterna ao príncipe fulgente!"

Vibraram os sistros tremulos e os crem-balos e clangoraram percutindo as longas tubas de prata.

Satisfeito e orgulhoso do que via, sentou-se o príncipe no throno e, diante delle, zumbridos, com as longas barbas de rojo, desfilaram os sábios e os sacerdotes, enaltecendo-o, com louvores, pela victoria esplendida.

Uma voz, porém, faltou no coro da lison-|a e, ao passar o ultimo dos sábios, o príncipe indagou do que não vira.

Disse-lhe o chefe dos guardas que esse não apparecera, posto que os arautos houvessem levado a todos os cantos, ainda aos mais remotos e obscuros da cidade, a grande proclamação.

Irritou-se o monarcha com o descaso do subdito, exigindo que o trouxessem á sua presença.

COELHO NETTO

Azinha, cavalgando corceis árdegos, partiram, em frecha, cavalleiros ágeis e, instantes depois, entrava o ancião á presença do príncipe, que o interpellou sobreceño:

—Porque não viesíe, como te cumpria, á festa do meu triumpho?

—Senhor, fizestes apregoar que venceríeis a Noite e eu não quiz intervir no dueño dos deuses antes que a gloria fizesse a sua eleição. Esperava que tal se desse, mas olhando da eminência em que habito e avistando apenas, cá em baixo, um clarão de fogueira, imaginei que houvesseis adiado o encontro e deixei-me ficar no estudo.

Que distinguia eu? fogo de lenha, que eu também accendo no inverno e qualquer criança ateia com gravetos e folhas seccas. A noite negra imperava e que viria eu fazer, ante vós, com uma candeia na mão?

Se a isto chamais victoria, também o vagalume pode celebra-la, porque accende faiscas no escuro.

Houve um sussurro de espanto entre os presentes e todos, com vexame, intimamente, concordaram com as palavras do solitário porque, em verdade,

VESPERAL

não viam em tudo aquillo mais que uma pantomima deslumbrante, que só servia para pôr em realce, e com ridiculo, a vaidade.

No oriente, acima do fio da cordilheira, o céu pallido rosava-se e laminas de stratus, entre nuvens purpureas, pareciam alfanges embebidos em sangue. Pelas faldas dos montes escorriam torrentes de luz aurea, espriando-se nas campinas com faiscações de orvalho.

Por fim levantou-se o sol e o esplendor toi geral e radioso, desde o alto até a mais escondida gróta.

E appareceram, então, os destroços da victoria: o leito calcinado em que se inflammára a naphta, o rescaldo das fogueiras altas as lampadas extinctas, as tripodes apagadas. E o solitario disse:

— Vêde, senhor, bastou que nascesse o sol para que toda a escuridão sumisse e, com ella, a mentira das palavras. Eis o que resta da vossa victoria: cinzas, morrões e crustas, e dos hymnos nem o éco no espaço.

Quem elogia por lisonja é como o que apanha frutos podres e, em corbelha de prata, acamando-os em flores, manda-os de pre-

COELHO NETTO

sente. Eu vivo na minha selva e tiro os louvores da sinceridade, que é arvore alta e só offereço os que escolho entre os mais bellos, e bem sazoados; os podres deixo-os no chão para os animaes.

E tal foi a resposta do solitario ao príncipe.



O segredo

A tarde recolhia-se envolta em fino veu violaceo, em cuja fimbria, de rasto pela terra, sonorizavam os guizos das cigarras. Um cheiro morno, como do suor das arvores, impregnava o silvedo e as folhas, alliviadas do sol, brincavam trefegas nos ramos.

De mãos dadas, em enlevo, os noivos desciam vagarosamente em direcção ao lago. Uma borboleta azul passou por elles, lenta; pousou em um arbusto e, cerrando as azas, ficou immovel como flor fugitiva que, receiosa da noite proxima, houvesse regressado á haste. Todas as frondes chilreavam.

Como a noiva, baixando os olhos, murmurasse uma palavra timida, o noivo disse-lhe :

COELHO NETTO

— Confias mais na fidelidade da tua amiga do que no teu proprio interesse para que lhe dê a guardar o que deves trazer tão escondido que nem em teus olhos o descubram esses mesmos que lêem nos astros ? Um segredo que nos escapa é como a escama que se destaca da armadura do guerreiro, deixando-lhe no peito um ponto vulneravel.

Acreditas que tua amiga tenha mais empenho, do que tu, no resguardo da tua alma ? Emquanto tiveres o coração abotoado não virão ronda-lo abelhas e beija-flores. Cerra-o e viverás tranquilla.

Vês as aguas do lago como repousam serenas, sem a mais leve ruga ? Espera...

Então, colhendo uma flor das silvas, o noivo lançou-a no meio do lago.

Arripiaram-se as aguas sensitivamente e logo frisou-se um circulo em torno da flor, que arfava ; outro partiu da aureola do primeiro, desdobrou-se o segundo em outro e assim, reproduzindo-se e ampliando-se, tanto se alargaram que se foram quebrar nos hervações.

E disse, então, o noivo :

VESPERAL

Vês ? No ponto em que cahiu a flor fez-se uma encyclicia pequenina, della, porém, surgiram tantas outras e, augmentando, assim como se multiplicavam, se a mais attingissem as aguas, mais longe chegariam ellas estendendo o seu diametro pela largura do lago.

Dá-se o mesmo com o segredo que se confia a alguém. Passando de um a outro irá sempre augmentando como os círculos do lago que só morrem nas margens.

Que importa que seja mais leve e mais puro do que uma flor ? Se o passares á tua amiga dar-se-á o mesmo que se deu nas aguas : de um circulo sahirão outros e outros e, como do ouvido que recebe o segredo á boca que o transmite, ha um caminho a percorrer, elle levará comsigo para diante o que a fantasia, a mentira, a inveja, o despeito lhe forem ajuntando até chegar a calumnia, que é como o lodo da beira das lagoas.

Tremem ainda as aguas, e, se não fosse a terra, que as percinta, não sei até onde iriam os circulos que se abriram com a queda da pequenina flor.

Fia-te no que vês no lago que é um espelho.



Nupcias

Querendo o senhor celebrar com magnificencia os esponsaes da fiiha convidou os visinhos, sem excepção de um só e deu folga a todos os famulos e serviçaes, inclusive os pastores que viviam no monte : Silvio e Flora.

A moça, nascida e criada na serra, era a primeira vez que descia á chan.

Com que deslumbrado olhar pasmava diante de tudo que lhe mostrava Silvio :

—Ali é a igreja. Na collina, por traz, é o cemiterio.

—Está cheio de cardos.

—Não. O que te parecem cardos são Placas com a numeração das covas. Por elas é que a gente sabe onde tem os seus mortos.

Mas os sinos repicaram festivamente e

COELHO NETTO

um bando de andorinhas, abalando da torre espalhou-se alegremente no ar como se fossem os proprios sons alados.

— Como soam alto, os sinos. Lá em cima, quando os ouço, penso sempre que são cincerros de gados nas quebradas.

Era a hora nupcial e os dois pastores entraram na saia apinhada de gente, onde já se achavam o juiz, o escrivão e os noivos, sentados juntos.

A noiva, pallida, toda de branco, parecia um grande lirio envolto em neblina.

— Que fazem elles? perguntou Flora ao ouvido de Silvio.

— Juram diante do juiz que serão um do outro até á morte.

— E é preciso jurar? Nós não juramos.
Silvio fê-la calar-se.

Finda a cerimonia civil encaminharam-se todos para a capella, onde já os esperava o padre, ricamente paramentado.

— Vê como é lindo o altar e como está cheio de luzes e coberto de flores, disse Silvio a Flora.

— E', mas lá em cima, perto da rocha onde nos encontrámos e que foi o nosso altar, a toalha era d'agua, com rendas de es-

VESPERAL

puma, as luzes eram de sol e as flores, vivas nos seus galhos, cheiravam cercadas de abelhas.

Vendo os noivos ajoelharem-se Flora perguntou baixinho a Silvio :

— Que vão elles fazer? E Silvio segredou-lhe:

— Vão jurar diante de Deus que serão um do outro emquanto vivos forem.

A pastora abriu enormemente os olhos e, encarada no companheiro, sussurrou risonha:

— Sílvio, se elles tudo sellam com juramentos, é porque não têm confiança em si, nem no que fazem. Nós não Juramos. E o pastor, sorrindo-lhe aos olhos claros :

— Para que jurar? Juramentos são liames de vime que estalam ao sol e apodrecem com as chuvas, O verdadeiro amor é como as arvores que se prendem pelas raizes e, onde nascem, ahi ficam, dando flores e frutos até a morte. Nós não juramos, entretanto...

Olharam-se enternecidos e sorridentes, apertando-se as mãos.

E disse o pastor, vendo os noivos levantarem-se :

COELHO NETTO

-Talvez já se não lembrem do que disseram ao juiz.

— Do que disseram ao juiz...? Talvez já se não lembrem do que lhes acaba de dizer o padre.

E desataram a rir com tal escandalo que todos se voltaram para vê-tos.





Flores d'agua

Têm as aguas os seus jardins, mais bellos do que os da terra e, no tempo das flores, mais cheirosos.

O pescador, que os conhece, não se illúde ao dar com as ilhas verdes, que são os seus canteiros, e mette por ellas a piroga, rompendo caminho atravez das folhas largas até, de novo, sahir nas aguas livres.

Garças, que pousam no balseiro em flor, bicando as plumas alvas, abrem as azas ao sol e, ariscas, ouvindo o bater da pá, que o pescador maneja descuidado, abalam em bando branco, como espuma que se levantasse da cachoeira e fosse pelos ares defluindo.

Mas o que ignora que as flores são fallacias do abysmo, maravilhado com a sua

COELHO NETTO

belleza, inebriado com o seu perfume e desejoso de as colher vai, no mesmo passo, da terra firme á balsa e, de chôfre, mergulha.

Nadador, embora, de que lhe serve lutar se as raizes filiferas o prendem, se tudo na profundeza, o enliça e envolva como em teia infrangivel!

Para escapar á cilada desce o nadador ao fundo e encontra-o cenagoso ; é tudo lodo negro e víscido. Topa-o o naufrago afflicto e, revolvendo-o, levanta-o em tise turvando, denegrindo as aguas e fazendo em volta de si turbida noite lutulenta.

Misero perdido !Falta-lhe o ar, constringe-se-lhe o peito oppresso, incha-se-lhe o era neo, zoam-lhe os ouvidos ; a asphyxia fa-lo debafer-se ansioso.

Sbe de borco, de roldão, revira ás tontas, lança, em desespero, as mãos e enreda-as em filandras, abre espavoridamente os olhos e vê os fios que oscillam ténues, emma-maranhados, como colgadura de cadilhos de ouro.

E' a racinação das flores, são os liames occultos da traição : á tona, o encanto meigo e fragil ; nas profundas, pêas de morte, trama de supplicio, enleio de agonia.

VESPERAL

E o nadador abre a boca ávido de ar e, em vez de alento, é água pútrida que sorve.

Um gole, o primeiro... Afflicto, arranca impetuosamente em surto, arriba ! Outro gole, e tonteia; ainda reage, mas entra-lhe a agua aos golfos pela boca. Desatina-se, perturba-se.

Escurece-se-lhe a vista, apaga-se-lhe a razão: já se não move a fugir, mas a morrer.

Abre molle, languidamente os braços, afrouxam-se-lhe as pernas, impa-se-lhe o ventre, foge-lhe a alma em perolas do peito, borbulham e, a flux, dissolvem-se no ar. . . E a torpe vasa a enche-lo, fazendo-o baixar, pesado e tumido, até que o pouxa no lameiro, onde o sepulta.

E lá fica o curioso da belleza, nas raizes das flores maravilhosas, que continuam, impassiveis, a attrahir incautos, mais coradas ao sol, mais cheirosas ao luar.

Perfidas flores d'agua, se todos os que as avistam fossem como o pescador das ilhas, que lhes conhece a origem insidiosa, não naveria poetas, porque a mentira das lagrimas infidas não prevaleceria e o coração passaria

COELHO NETTO

por ellas com a mesma indiferença com que o pescador leva a piróga por entre os camalótes que assoalham de verde as aguas traiçoeiras.





O ciume

Naquella manhan, sobre todas radiosa, em que o sol, que era brando, pela primeira vez ardeu, e as aguas, que eram tranquillias, arrufaram-se espumantes, Adão, que se deitara em macia alfombra, com a cabeça em uma pedra forrada de musgo, adormeceu serenamente, ouvindo cantar os passaros.

Então, Deus, estendendo, desde o ceu, a sua mão direita, insinuou-a sob o corpo do adormecido, solevando-o de leve e, na fôrma que d'elle ficou no leito fôfo e balsamico de alfazema e violetas, espalhou terra amassada com agua do mar voluvel e petalas de flores plasmando um novo ser.

Sahindo, porém, a figura mui semelhante a Adão, pelo molde em que fôra afeiçoada, quiz o Senhor distinguil-a, melhorando-a, e

arredondou-lhe graciosamente as formas alongou-lhe os cabellos e, para assignalar que aquelle fora o segundo ser humano que lhe sahira das mãos. appoz-lhe ao peito duas conchas do mar.

As petalas das flores logo sobresahi-ram : as das rosas, nas faces ; nos olhos, as das clematites ; as das papoulas, nos labios, e as dos jasmims deram-lhe alvura á pelle. Isto feito inspirou-lhe Deus a alma.

Quando Adão despertou com o ciciar das cigarras, achando á sua ilharga aquella criatura nova, que sorria, tomou-a por um anjo, vendo, porém, em vez de azas, os cabellos que a illuminavam, teve-a por uma projecção do sol, em contraste com as sombras que saham de todos os relevos.

Tocou de leve, a medo, o corpo feminino, e, logo, instantaneamente, todo o sangue lhe ferveu nas veias.

Que imagem seria aquella ?

Os animaes farejavam o ar que lhe passava pelo corpo como para aspirar-lhe o aroma ; as hervas arripiavam-se sob os seus leves e pequenino passos e, para conservarem a cadeia, retrahiam-se (e, desde então fi-

VESPERAL

cou na sensitiva a susceptibilidade que a faz cerrar-se mal a tocam); as águas murmuravam mais meigas se a sentiam perto, toda a natureza vibrava com o prestígio da sua presença.

E Adão, pasmado, fitou o olhar interrogativo no ceu onde desaparecera, entre nuvens, a mão direita de Deus.

Eva baixara o olhar á terra, encantada com a delicadeza dos fétos rendilhados, com o variegado matiz da plumagem das aves que a cercavam, umas em vôo, outras pousadas, seguindo-lhe as pegadas, como attra-hidas, até que chegou a um limpido remanso, vendo-se nelle reflectida.

Outra!

E voltou-se, d'impeto, para Adão que a contemplava á distancia. Todo o seu alvo corpo crispou-se em arripio, de purpura tin-giram-se-lhe as rosas das faces, reluziram-lhe, chispando ascuas, as clematites dos olhos e, com o assomo que lhe encheu o peito, rebentaram-lhe em sangue as duas conchas do mar. Voltou-se, então, para o homem e acenou-lhe, chamando-o.

E Adão, senhor soberano da Vida, a

COELHO NETTO

quem obedeciam todos os animaes da terra ; os que nadam nas aguas e os que voam no ar, dirigiu-se, humilde, para a que o chamava e, caminhando, sentia repercutir, dentro em si, o rumor dos seus passos.

Deteve-se á escuta, attento ás pancadas crebras que não eram echo, mas sons proprios vibrando-lhe no peito. Olhando, então, atra-damente, em volta, á procura de Deus, que sempre lhe apparecia nas suas ansiedades, viu a mulher de pé, envolta nos cabellos louros, que, ora o olhava a fito, ora baixava o olhar á agua lisa, onde a sua imagem se reproduzia.

Chegou-se timidamente a Eva, cingiu-a pela cinta e os longos cabellos de ouro cobriram-nos a ambos.

Ardendo, porém, em sede, inclinou-se Adão á beira do remanso, unindo as mãos em concha para dessedentar-se. Mas a mulher oppoz-se-lhe vivamente ao gesto, não consentindo que elle bebesse d'aquella agua, que era da outra, que lá estava no fundo, E foi assim que, da primeira illusão, nasceu o ciume, reflexo do proprio amor.



Redenção do fogo

Sentado no pino do alcantil mais alto, olhando merencoreamente o barathro em que se acapellavam enormes labaredas, Satan meditava. As legiões dos cherubins, que o haviam acompanhado na rebeldia infanda, eram tão numerosas que, com as azas largamente abertas, formavam abobadas acima do imenso mar de fogo.

O rumor do flammejo resoava soturno e, a espaços, em algum dos negros penedos, que avultavam borrifados de faíscas, coruscando em laivos de torrentes, um dos cherubins baixava colhendo as azas e, acenando com o punho irado para a Altura, injuriava tonitruosamente o Todo-Poderoso.

Satan não tirava os olhos do lumareu

COELHO NETTO

que lhe espadanava aos pés. O coração raivava-lhe no peito, mais incendiado em odio do que em chammas ardia aquelle ergástulo da eternidade.

Como lutar com a Força que se impuzera invencivel? Toda a Vida ficara sob a dependencia do Altissimo. Que lhe restava, a elle, que fôra no céu o maior dos espiritos, o conductor da milicia augusta? aquelle degredo lugubre. D'ali havia de tirar meios de dar batalha a Deus, de vingar-se da affronta que o humilhara aos olhos dos anjos inferiores que se retrahiam só com o estridor do seu vôo ali-possante.

E cogitava taciturno, indifferente aos anjos que esvoaçavam attonitos, batendo, d'estrondo, as azas desmesuradas.

Subito, alumiano-se-lhe o espirito, o réprobo sorriu estranhamente e, levantando-se altivo, encarou a Altura com atrevido olhar de desafio.

Desceu a escarpa adusta atolando os pés em lava férvida e, inclinando-se sobre o abysmo, tomou nas mãos o fogo que rebramiam apollegando-o, foprando-o para infundir-lhe maldade e foi assim, pouco a pou-

co, obtendo uma massa compacta que en-durecia e brilhava em brasa.

Então, dirigindo-se aos cherubins, que o contemplavam attentos, mostrou-lhes o que obtivera, e disse:

—Aqui tendes o fogo consolidado. Devolvamo-lo a quem no-lo deu como tormento. Apedrejemos o ceu com a sua propria vingança. E os cherubins, baixando em enxames sobre o fogo, como corvos famintos em carniça, puzeram-se a trabalhar aforçura-daramente na grande obra da revindicta e, ajuntando os blocos, começaram a apedrejar o ceu com elles.

Deus, porém, serenamente os recebia nas mãos e, um a um, assim como lhes chegavam, prendia-os na abobada, abençoan-do-os, e logo irradiavam em astros illumi-nando a noite.

Vendo-se, ainda uma vez, vencido Satan rugiu, rangendo os dentes, logo, porém, acalmando-se, disse aos cherubins revéis :

— Deixemos o ceu. A obra maior de Deus, aquella que Eíle mais estima, é o Homem.

Conspurquemo-lo. Subi aonde elle se

COELHO NETTO

acha e vive em serenidade levando comvosco o fogo sólido, embuti-o nas entranhas da terra, encravai-o no coração das penhas, esfarellai-o nos rios e dominaremos o mundo paradisiaco.

Assim fizeram os cherubins e o fogo petrificado espalhou-se em blocos e em folhetas, em piscas e em arêas de ouro e logo inflammou-se a cubiça no coração do Homem e açcendeu-se a vaidade na alma da Mulher. E nasceu a sizania, cuja flor é o odio, e geraram-se os dissidios entre irmãos; povos armaram-se degladiando-se, envileceram-se as consciências, depravou-se a virtude e não houve poder no mundo que contrastasse com o do fogo satanico, que tudo vencia e dominava.

Orgulhoso da sua astuciosa victoria, Satan sorria pensando na colera do Altissimo ao ver a destruição que fazia entre os homens o fogo do abysmo. Mas o Senhor, que não se descuida da Vida e tudo vê e a tudo attende com solitudine magnanima e ordem absoluta, regulando o lentejo de uma gotta d'agua como governa a nuvem e o raio nas tempestades, descobrindo a traição do ad-

versor, que tornara contra a sua misericórdia o elemento lustrai, chamou a mais meiga das três virtudes elyseas, e beijando-a na frente, disse-lhe :

— Vai á terra onde os homens guerre-am-se e degradam-se disputando a ferro e a infamias o fogo infernal, toma uma centelha ou lasca e applica-a como te ordenar o amor, e não só corrigirás o mal que alastra corno ainda remittirás o fogo de tudo quanto de funesto e cruel tem feito por influência do Espirito rebelde.

Despediu-se a Virtude das suas irmans descendo ao mundo tumultuado.

Logo que pousou na terra fria — porque era inverno e nevava — ouviu o lamento de um pobresinho que, encolhido em palhas humidas, tiritava transido e com fome.

Foi-se a Virtude a uma rocha e, exíra-hindo-lhe do coração uma pepita de ouro, deu-a ao pobresinho.

O misero sorriu beijando a dadiva e, com esse beijo, molhado em lagrimas, purificou-se o que Satan creara para macular o mundo e foi assim que, com uma parcella

COELHO NETTO

minima da immensa perversidade, a emissaria de Deus inutilisou a obra nefanda do Mau Anjo, redimindo o fogo-aureo de todos os males que provocara com a suave misericordia da primeira esmola.





Fidelidade

Emquanto o velho mordomo ia repondo no cofre de ébano, de onde as retirara para mostra-las ás damas, as joias da princeza finada, o principe não fez o gesto mais leve, não disse palavra, immovel e taciturno.

Quando, porém, o ancião tomou pelo punho de ouro, recamado de gemmas, o espelho da morta, acceso em colera subitanea, o principe arrebatou-l'ho da mão e, duma das janellas, lançou-o, de toda a altura do castello, ás profundezas do abysmo.

A velhice do mordomo não lhe permittiu acudir tão agil que lograsse salvar da inesperada colera o mais bello e precioso objecto e o mais amado de todos quantos haviam acompanhado a vida breve, graciosa e pura da princeza.

— Senhor, que fizestes !? exclamou enca-

rado no amo, cujo olhar desvairado afuzilava ira. O que lançastes no penedio era o companheiro da senhora, que a toda parte a seguia, como medalhão da sua imagem. Carbunculos e perolas, saphyras e esmeraldas prasios e amethystas, todas as pedrarias e o ouro que as engastava não se sentiam della; o espelho, esse tomava-a toda em si como a memoria guarda as impressões. Porque tanto desamor com elle ? Ingrato sois !

Com taes palavras mais enfureceu-se o principe e, investindo ao velho, silvou-lhe em rosto :

— E' a mim que accusas de ingratição? E' a mim que recriminas, mestre de camarilha, versado astutamente na mentira, perito ria arte de dissimular?

Defendendo o espelho, defendes-te a ti mesmo, velha raposa hypocrita e, se, de outro modo, te pronunciasses condemnarias a tua propria alma, que se rebuça no manto da lisonja, todo elle em folhos de versatilidade. Fazes bem, velho cadimo ! E' a mim que accusas ! A mim que castiguei a perfidia.

Esse, tu o disseste, era o seu objecto preferido. Nelle revia-se contente e confiante,

VESPERAL

trazia-o sempre comsigo para fazer-se bella. Era elle o portador da sua sombra viva, o quadro da sua belleza, o oratorio da sua ef-figie, o cofre dos seus encantos. Só a elle, entendes tu ? eu consentia que ella sorrisse e falasse em confidencia. Era o rival dos meus olhos. E que fez ? Tanto que a perdeu de vista logo a esqueceu para o sempre.

Todas essas damas, que por aqui passaram, quizeram ve-lo e elle a todas recebeu amavel, reflectindo-as, portando-se com ellas como se portava, outr'ora, com a que se foi. E achas que eu devia conservar entre as joias fieis essa volubilidade ?

Todas as pedras ficaram com as suas cores proprias, as mesmas que tinham dantes; elle, não: logo enfeitou-se com as vivas cores dos olhos que o fitaram. E a essa inconstancia louvas ? Parecer de corteção...

— Senhor, contraveiu o mordomo, se não desvariais, sois cégo. A vida não pára, não póde parar, e o espelho é a sua imagem. Se nos prendessemos á morte, ai ! de nós... valeríamos tanto como os sepulcros.

Vede o no que corre: vai retratando

COELHO NETTO

nas suas aguas o que lhe fica á margem Vede a arvore : reluz viçosa e dourada rio estio, amarellece e murcha no outomno mirra excidua no inverno, reverdece e enflora-se na primavera. São as estações que passam por ella como as imagens nos espelhos. A criança e o velho são reflexos do tempo na vida, e a vida é immutavel, impassível como o espelho.

Que havia de fazer a placa polida se não reproduzir fielmente o que se lhe antepunha ? Se tal não o fizesse então não seria o que é.

Quereis que a terra escureça quando o sol brilha e que refulja em claridade de ouro quando anoitece ?

Ponde uma suspeita ou saudade nalma mais limpida e feliz e ve-la-eis nublar-se instantaneamente. Favorecei o mais desgraçado dos homens com um instante de ventura e logo sorrirá como o paúl rebrilha se lhe dá em cheio o sol.

Só ha um meio de manter o espelho fiel á sua primeira dona — é encerra-lo num cofre lançando-lhe a chave ao mar.

VESPERAL

Cuidado, senhor, não vos chegue o dia em que, por fidelidade, se a quizerdes guardar á morta, tenhais de atirar do alto da torre ao fundo do abysmo o vosso coração...





Sol

Andando em visita ao eremiterio achou-se o velho abbade diante de uma excavação, como fojo armado a fêra, a dois passos da choça humilde de um dos mais virtuosos monges e, como o chamasse repetidas vezes respondeu-lhe da cova uma voz fatigada

—Sois vós, irmão?

— Eu mesmo, meu padre.

—Como assim, de tão longe, me reconheceis?

- Pela irradiação que vos circumda a fronte, que é o esplendor do vosso espirito beato.

— Louvado seja o Senhor que me assignalou com a sua Bondade para que percebesseis a minha voz e viesseis a mim. Que fazeis ahi incluso? Como quereis viver onde a propria luz se extingue e a alma não desce?

Tornai para o vosso ambiente, que não é de vivos ficar onde jazem os mortos.

Obedecendo ao abbade surgiu da cova o monge esqualido, prostrando-se humildemente, de bruços, com a face de rojo.

—Porque assim desceis quando deveis subir? Em vez de fazerdes cova, que é met-ter-vos pela terra dentro, exercitai-vos em obras espirituaes que abrireis entrada facil no ceu.

Então, d'olhos baixos, vexado, o monge falou com simplicidade:

—O que aqui faço, meu santo, não é trabalho para a morte, senão para a vida e para o bem. Ando, ha tempos, querendo plantar um raio de sol; um raio de sol que abotõe em madrugadas, madrugadas, como as do ceu, que desabrochem em dias. Um raio de sol que se desenvolva e cresça como as plantas, frondeje em ramas de luz sob as quaes venham sentar-se os monges e os pobresinhos no mais rijo do inverno, que aqui é sempre aspero e demorado.

Sorriu o abbade e, fazendo erguer-se o monge envergonhado, disse-lhe com benignidade:

— Tanto vale cuidar, como os de Babel,

profanas no symbolo sagrado, tu que sustentas todas as superstições e lhes refazes os idolos com teus pinceis e buris, para que contrastem com a cruz.

Mas o peregrino, erguendo-se do trabalho, falou, de animo sereno, ao penitente.

— Porque me repelles de ti? Eu, o que fiz ao tosco manipanço do negro, fiz a Venus hellenica, formosa entre as formosas ; fiz á espada do scytha, ao touro carthaginez, á Isis egypciaca, a serpentes e dragos, arvores e flores, a todos os symbolos, não pelo que são, mas pelo prestigio que exercem nas almas com a illusão que propinam.

Tu, porque te exilas neste deserto, nu-trindote de hervas amargas e de raizes, entre feras e sevandijas, senão porque imaginas conquistar assim o que te promette a tua Fé ?

Escolheste uma estrada aspera de espinhos, outros vão por alfombras, outros por areaes candentes, outros por entre lirios e rosas e todos esses caminhos guiam ao mesmo rumo a que conduz a tua Via-Sacra.

O lume é um, a lenha pôde ser qualquer. Tanto calor e brilho dá o tronco do cedro como o do pinheiro, do álamo, do carvalho ou da cerejeira e até com um pouco de tolhas

COELHO NETTO

dias mais luminosos de verão; em outros tudo é chamma e láva. Assim como respiramos resfolegando e devolvendo ar, assim recebemos e despedimos sol. Não sentimos o ar que nos penetra, como não percebemos a luz que em nós se infunde.

O que fazeis na terra com tão arduo trabalho farieis suavemente, e com utilidade para a vida, colhendo no coração o que tendes em bondade e cultivando no silencio, que é onde se accende o sol, as forças vivas do vosso espirito.

Se quereis plantar luz, raios de sol, vinde commigo aos pobresinhos que me esperam, grandes e pequeninos. Para os grandes levo a palavra dos Evangelhos; para os pequeninos levo a luz em centelhas, num livro são letras, poucas, quantas bastem para que elles se conduzam na vida e dellas tirem luz que os guie mostrando-lhes todos os caminhos da terra e do ceu, do passado, do presente e a floresta negra do futuro, ainda virgem no Tempo.

Aqui vou eu carregado de sol. Ajudai-me a leva-lo, e, enquanto, na prédica, eu alumiar e aquecer os corações dos velhos, vós ireis alumiar, com as letras, as almas das

VESPERAL

crianças e assim plantaremos raios de sol na na terra, que terra é o homem, e terra do Paraiso. Ora vamos á lavoura luminosa, disse.

E, tomando o monge pelo braço, caridosamente e sorrindo da sua simplicidade, lá o foi levando a caminho da ermida.





O restaurador de symbolos

Fosse qual fosse o idolo ou talisman : abadir ou acinace, imagem caprichosa ou monstro, pedra lunar ou tronco bruto, elle tomava-o, recompunha-o ou reparava-o refazen-do-lhe a fórma, reavivando-lhe as cores, re-cenando-lhe os dourados, remontando-lhe as pedrarias e restituia-o, como novo, ao culto para que, por sua vez, revixasse a Fé nos corações.

Que lhe importava fosse um symbolo disforme, se os crentes lhe attribuiam omnipotencia e delle tiravam o alento da esperanza?

Chamaram-n'o, certa vez, para restaurar um touro de bronze, em cujo ventre, que era uma fornalha, os sacerdotes sacrificadores encerravam victimas humanas.

Em dias realisou a obra, dando-a com o mesmo aspecto truculento de outr'ora, mais

horrível, talvez. Bandos de serviçães atearam o fogaréu.

Crianças foram lançadas ao holocausto e, quando elle deixou o templo em festa, a im-mensa abobada atroava lugubres mugidos que eram os gritos das pequeninas victimas passando unisonos pelas fauces do monstro.

Mas todo o paiz rejubilava com a esperança de que tamanho sacrificio seria propiciamente compensado com annos doces de paz, abundancia de pão e outras mercês divinas que a todos alcançariam.

Que importava, pois, o gemido de cem mais, se milhões de outras viveriam felizes nos seus lares ?

E, deixando o sacrificio, foi-se contente com o que fizera e logo um lhe pediu o concerto de uma deusa , outro que lhe accendesse a carbunculos os olhos de um trasgo ; um barbaro exorou-o a afiar a espada que adorava. E a todos, indistinctamente, o peregrino attendia.

Passando, uma tarde, diante da cabana de um eremita, viu a cruz tombada e já se dispunha a levanta-la e corrigi-la, quando o solitario investiu com elle, enfurecido :

— Detem-te, impio ! Não ponhas mãos

VESPERAL

em construir uma torre para escalar o ceu como em plantar um raio de sol para produzir claridade. Arrogancia é essa que só vos podia ser suggerida pelo Maligno. A luz e o ar, meu irmão, são emanações divinas, soterra-las ou afoga-las é tão impossível como conter o pensamento, talhar a luz a golpes ou pôr limites á esperança. Quanto mais terra lançardes sobre o raio de sol, mais elle se levantará no proprio sumidouro, assim como na maior desventura cresce mais a esperança.

O ar, o pouco que baste á respiração de uma formiguinha, se o afundardes no a-bysmo, logo affluirá á tona, vencendo, em bolha, a densidade do oceano.

Quereis plantar o sol? tirai-o de vós, que o tendes em espirito, como o possui em germen a semente. Todos nós plantamos sol, cada qual onde lavra: este, no espaço; aquelle, no tempo. Todos nós plantamos sol, não em covas da terra, mas nos corações e nas almas e é com esse sol, que plantamos, que a Humanidade se alumia e aquece.

Tudo é sol: o puro e o impuro, o bem e o mal — luz e calor aqui, incendio além. Em certos livros ha tanta claridade como nos

COELHO NETTO

seccas pôde o homem alumiar-se e aquecer-se. O necessario é ter lume.

Deus é um só em varios symbolos e altares.

Eu não faço mais do que perpetuar a Fé, como a vestal conservava diligentemente o fogo sagrado.

Chamam-me o « Restaurador de symbolos ». Eu sou o Poeta, conservador da Illusão e, assim como levanto a cruz no teu eremite-rio e vou encher a tua bilha á fonte proxima, ajudo o esculptor a talhar a pedra que ha de ser Jupiter, canto no coro dos druidas quando, com a foice de ouro, elles percorrem os bosques colhendo o verde agárico.

Sou o mantenedor do Sonho e a minha religião, como o sol, é o nucleo de onde partem todos os raios da Fé e chama-se — Poesia.

E' necessário dar calor aos corações, para que elles creiam e amem. Que faço eu ? onde encontro o lume vasquejando ateio-o, para que rebente de novo em chammas. Que importa a lenha? o lume é um só.

E, deixando-a cruz de pé, foi-se pelo deserto, caminho das cidades, restaurar idolos e monstros para eternisar a Fé.



Os moleiros

A Alberto de Oliveira

Avistavam-n'o de longe, assomado na collina, e as sombras das suas grandes azas, padejando, dançavam na terra, ao sol, endemoninhada farandula e ainda, pela noite dentro, a cítola taramelava, porque tanto era o trigo accumulado nas tulhas, e sempre a chegarem cargueiros, que o moinho girava sem descontinuar e os depositos, em vez de diminuir, cresciam corno por milagre.

Recovas cruzavam-se no caminho, abaixo e acima, com alegre tinir de chocalhos e vozear de almocreves.

E o moleiro, no limiar do moinho, presidia orgulhosamente á descarga das alimarias, fiscalizando as contagens dos ceirões e

emprazando, com delonga, a entrega da farinha.

Rico era elle! Oh! se era!... Ve-lo nas feiras era como ver um principe, com o seu casacão de alamares, o largo chapéu de plumas, cinta de seda e botas de couro fino, fazendo arrifar a egua, que reluzia sob jaezes de prata.

Nos alpendres das estalagens falava-se do seu moinho como das torres encantadas das historias, nas quaes havia thesouros guardados por dragões.

Tal homem, entretanto, amargurava desgostos, passando noites em claro, a caminhar pela eira, entre dois alões, com os quaes, ás vezes, descia por veredas revessas da matta. Seriam amores? Não eram.

Dizia-se, á boca pequena, que elle tinha encontros com o diabo em certo carcavão do bosque, onde golfava, como nascida no inferno, uma agua enxofrada e fervente.

Mas a verdade era outra. O moleiro mordiasse de inveja de um visinho, pobre homem, dono de uma tira de terra, que não dava mais que dois carros de trigo e de uma azenha á beira do correngo.

VESPERAL

Elle sosinho lavrava o seu alfobre, cantando; ceifava, recolhia as gavellas, debulhava as espigas, e, depois de muito escardear, levava o grão a moer. E a farinha que sahia era branca como o luar e cheirava a flor.

Mal começava a moagem logo diziam na aldeia:

—Aroma de trigo novo... E' *da* azenha Não tarda ahi o famulo do bispo a buscar farinha para as hostias.

E o moleiro da collina, quando tal ouvia, arrepelava furiosamente as barbas.

<<Pois então elle, moleiro rico, só havia de trabalhar para villões e o outro, um quasi mendigo, teria a gloria de fornecer ao altar?!>>

Uma noite, raivando, desceu com os alões á margem do corrego, e, vendo luz na azenha, bateu. Abriu-se logo o postigo e, com uma lanterna levantada á altura dos olhos, o moleiro appareceu, perguntando:

—Quem esta ?

—Eu visinho. Vi luz na azenha e, receioso de que vos houvesse acontecido alguma coisa, bati.

—Não, visinho. Graças a Deus, para quem trabalho, nada me aconteceu. Aqui estou em serão com as aguas porque tenho de

COELHO NETTO

dar trigo para hostias. Ha tres dias que não faço outra coisa senão sessar farinha. —Três dias!

—E pouco é o tempo, que eu, se pudesse, ainda o dilatava para que o meu trigo, que é todo candil, sahisse tão limpo que nelle se não achassem vestigios de sizania. Mas é tão difficil apurar que, por mais que se escoime, sempre nos escapam milhares de joio.

—E quantos saccos moeis?

—Cinco, no máximo, e quando a safra é abundante.

— Pois eu, num dia, empilho cem, disse, orgulhosamente, o moleiro da collina.

—Acredito, visinho, porque a vossa farinha em toda a parte apparece. Mas o pão que, com ella, fazem, dizem-no todos, Sogo depois de cosido azeda e torna-se tão duro que o mendrugo que delle dão aos pobres fica nas cercas e nem os cães o querem,

Para que dê bôa farinha não só pede o trigo terra propicia, sol e rega, orvalho e chuva, amanho e limpa, meda em secco, como escolha cuidadosa, canoura aceiada, mó de peso, joeira e tamiz e ainda assim não

VESPERAL

sahirá de todo estreme. O vosso trigo, fai como o recebeis, assim o lançais na tremo-nha. O resultado é sempre sahir a farinha pa-lhiça e com eiva que a torna escura e a-marga,

— Tendes razão, visinho, tornou o ricaço com ironia: A vossa farinha é excellente e a minha sò se aproveita em brôas. Mas porque será que o meu pão enriquece e o vosso, tão puro, não dá, sequer, para a vossa fome?

—Dá para mais, visinho, para muito mais, porque contenta-me o coração. Para a minha felicidade e gloria basta-me o candil que tiro, fino, cheiroso e alvo e dou-me por bem pago dos trabalhos e venturoso da maior fortuna quando, aos domingos, entro na igreja e vejo o sacerdote levantar a hostia e toda a gente prostrar-se diante della, hostia do meu trigo, trigo do meu campo, semeado, ceifado, moido por mim.



Taperas

A notícia do descoberto alvoroçou os moradores da redondeza e, levada por tropeiros de povoado em povoado, de villa em villa, até a cidade poz em levante de avidez a toda a gente rica e pobre, valida e decrepita. E começou, desde logo, a entrada sertanista.

Era de tudo pelos caminhos e veredas, dia e noite, em correição de formigas: carros de bois rangendo, liteiras, recovas e cavalgadas; e pedestres calcurriando: uns ligeiros, cantando; outros cabisbaixos, melancolicos como arrependidos da aventura.

E havia-os que seguiam lentos, animados a bordões; e até enfermos, passo a passo, arquejando, como se fossem a santuario cumprir promessa.

COELHO NETTO

A' falta de ranchos acampavam ao tempo, accendendo fogueiras. Os mais felizes armavam redes nas arvores ou, estendendo os pellegos, dormiam sobre os apêros, tiritando á orvalhada das manhans friissimas.

O sitio do veeiro novo era aspera garganta estrangulada entre penhas, com um corrego em serpeio límpido.

Mal chegados, antes de firmarem pouso, iam-se pelos alcantis, feriam-nos a golpes de almocafre, reviravam a pá o saibro do chão, bateiavam as arêas do corrego.

O primeiro que descobriu uma pisca annunciou-a bradando e foi logo um tumulto em volta do faisgador afortunado.

Em mezes o reconcavo de rochedos, dantes covanca de onças e couto de foragidos, tornou-se como uma cidade.

Affluiram mercadores, bufarinheiros e sal-timbancos. Foram-se os palhiços a pouco e pouco substituindo por moradias de sobrado, com jardins e pomares; abriram-se lojas e officinas; e um padre, que apparecera, obteve meios de erguer uma capella.

E as tropas, que desciam carregadas de

VESPERAL

ouro, cruzavam-se com vindiços e, todos os dias, eram gentes novas.

Uma noite salteadores romperam de improviso. Houve combate e mortes e logo se resolveu organizar a defesa do arraial, guardando-o a mão armada.

E o trabalho ambicioso proseguia com estrondo: voavam em estilhas os penhascos, abriam-se as rochas em cavernas, tudo era brocado, escalavrado, poido.

Por uma pepita de ouro esbarrondava-se uma collina, uma palheta entrevista num Ie-sim de rocha era-lhe sentença de destruição.

O corrego, tomado em quelhas, perdeu o encanto, esparzindo-se em regos, cada qual a um rumo, para servir a este ou áquelle. E tudo desmantellou-se como se um cataclysmo houvesse por ali passado, até que desappa-rceceu o filão e só restaram destroços: pedregulho e cascalho, arêa secca e agua pútrida, cavados e lamarões. Então o primeiro resolveu abandonar o sitio, dizendo-o inhospito, tristonho e doentio, outro fogo o seguiu, saudoso da cidade.

Levantaram-se bandos e todo o povareu abalou maldizendo o pragal, e casas de mo-

COELHO NETTO

radia, lojas, officinas e até a capella ficaram vasias, abertas ao tempo. E o sitio recahiu no primitivo silencio.

O matto encobriu os caminhos, as arvores cresceram restaurando a floresta e tornaram-se como moradoras das casas, os animaes regressaram do exilio e hoje, quem até ali se afoita, pasma do que vê — os rochedos esboroados, abertos em algares, fendidos de meio a meio, montes de pedrouços, dunas estrepadas de cardos, pantanaes coalhados de hervas, ruinas de casario em matto. E' o que resta do fastigio, da competição aforçurada, das festas, da alegria de outr' ora.

Terra esgottada! Pobre de ti! Ainda assim és mais feliz do que o homem que se deixa explorar.

A ti, no abandono, voltam as arvores, e, com ellas, os passarinhos; ao misero, que deu tudo que tinha n'alma, nem as illusões consoladoras tornam e na miseria em que fica, além da indifferença do mundo, ainda o affronta o despreso dos que lhe aproveitaram o genio.



O Pharol

Hirto, espigado na crista do promontorio, entre esboroadas rochas, negras, como de ferro, e seixos a granel, erige-se o pharol, a prumo sobre o oceano, solitario na agrura do sitio taciturno. Vagalhões rebentam estrondosamente em baixo esfrolando-se em espumarada férvida e a grita rispida das gaivotas, voejando assanhadas acima do marouço, torna medonha a tristeza do degredo lugubre, entre o negror das pedras, o azul metallico do ceu e o verde lurido do mar.

Ao sol, a torre dorme silenciosa e branca e, subindo dentre os penhascos, parece um dedo immenso apontando o ceu á terra.

A' noite, porém, accende-se á maneira de um cirio e o seu clarão irradia ao longe, es-

teirando longamente as aguas arquejantes. Tanto, porém, que se lhe illumina o viso esconde-se-lhe o corpo sumido na treva sem que, de toda a claridade, que generosamente espalha, lhe aproveite a minima centelha, O seu brilho, piscando a cores, atravessa a caligem tremeluzindo em via-lactea nas vagas.

E, por elle, atravez do negrume, guiam-se os maritimos transitando sem risco e, assim, passa dentro da noite tenebrosa a vida com tudo que é nella espirito, belleza, alegria, fortuna, gloria e força.

E a torre não apparece : della apenas se vê, longinqua, a luz propicia assignalando a costa e alumando o mar.

Que importa aos navegantes saberem quem é o manobreiro do lume, a mão destra que brande, pervigila, infatigavelmente, no mysterio da escuridão, aquella espada flamminea que afugenta as perfidas sereias ? O ciarão lá está, perenne, Que mais ?

Seja a noite limpida, de luar, ou tormentosa, de trovões e raios, de brisa mansa e tépida ou de rugidoras ventanias gélidas, estiva ou de borrasseiro, o pharol lá está sempre acceso, sempre attento, norteando as singradu-

VESPERAL

ras, cercado d'aves que, em alvoroçado bando, batendo furiosamente as azas rijas, arremettem ao lanternim atitando de raiva.

Que importa a torre ? Quem a vê ? Justamente quando mais a sua luz relumbra mais se occulta, como se toda se concentre no esplendor que irradia.

Ella é o clarão que brilha e salva, é o rumo, a segurança, a vida — tudo para os que passam, nada para si mesma. Conhecem-na os pilotos que por ella roteam, os mais vêm-lhe apenas a refulgencia iterativa dentro da noite. Dealba, abre-se o ceu em cores de ouro e perola e logo se extingue a luz no lanternim.

Então, ao vivido sol, apparece hirta, espigada na crista do promontorio, a torre branca. A' noite, quando reverbéra, ninguém a vê.

Rompe a manhan e a torre, então apagada, desvenda-se em toda a grandeza, alva corno de marmore, a pino sobre o negror dos penhascos. As vagas, que a cuspihavam, marulham-lhe aos pés, submissas; as aves, que lhe eram hostis, revoam-lhe em volta em aureola, e, em vez dos raios fulminantes, douram-na os raios do sol. E o dia exalta-a.

Assim o pharol só apparece triumphante quando no viso se lhe extingue a luz.

VESPERAL

Tal é o genio.

Emquanto vivo ninguém o vê. Só a sua luz
refulge e toda para os que passam. Ninguém dá
por elle no degredo em que jaz.

Vai-se-lhe, porém, a vida e, com ella, o
destino ingrato. Raia o dia eterno e, assim como a
torre, ao sol, impõe-se á vista no pro-montorio
aspero, assim dos tormentos, das injurias e da
indifferença tenebrosa levanta-se, destacando-se em
esplendor triumphal, a figura do illuminador
como o pharol que só é visto quando, apagado,
avulta ao sol como torre de luz.



Índice

O riso e a lagrima	11
A filha da Verdade	13
Palavras	21
A arvore dos pobres.....	23
A sombra	29
Boi de piranhas.....	37
O mais pobre	45
Castalia.....	49
A caixa de Pandora.....	51
Na montanha dc neve	55
O sapato do Natal	59
Na tenda do oleiro	63
O ribeirão e o mar.....	67
Poesia de pastor.....	73
As três irmans.....	77
Na varanda, ao luar.....	83
Paradisía.....	89
A mentira.....	93
A cigarra e a formiga.....	99
Aguas subterraneas.....	103